Nas asas da esperança. Mensagem do Vigário do Reitor-Mor

Com grande simplicidade, com tranquilidade e em total continuidade, permanecendo em meu serviço de Vigário nos próximos meses, apoiarei o Reitor-Mor, conduzindo a Congregação ao Capítulo Geral, o 29º, em fevereiro de 2025.

Caros leitores do Boletim Salesiano, escrevo estas linhas com apreensão porque, tendo sido leitor do Boletim Salesiano desde criança em minha família, encontro-me agora em uma página diferente, tendo que escrever no primeiro artigo, aquele reservado ao Reitor-Mor.
Faço-o com alegria, porque essa honra me permite dar graças a Deus pelo nosso P. Ángel, agora Cardeal da Santa Igreja Romana, que acaba de completar 10 anos de valioso serviço à Congregação e à Família Salesiana, após a sua eleição no 27º Capítulo Geral de 2014.

10 anos depois daquele dia, ele está agora totalmente a serviço do Santo Padre, até onde o Papa Francisco lhe confiar. Nós o levamos em nossos corações e o acompanhamos com uma oração agradecida, pelo bem que ele fez por nós, porque o tempo não diminui, mas fortalece a gratidão. Sua história pessoal é um evento histórico para ele, mas também para todos nós.
Sua partida, no sentido canônico, para um serviço ainda maior à Igreja, é uma permanência sempre conosco e dentro de nós.

Em total continuidade

E agora, como Congregação e, por extensão, como Família Salesiana, como seguimos em frente?

Muito simplesmente, com calma e em total continuidade. O Vigário do Reitor-Mor, de acordo com as Constituições Salesianas, também tem a tarefa de substituir o

Reitor-Mor em caso de necessidade. Assim será, até o próximo Capítulo Geral.

As Constituições Salesianas dizem isso de maneira mais orgânica e articulada, mas o conceito fundamental é este. Permanecendo em meu serviço como Vigário, nos próximos meses substituirei o Reitor-Mor, levando a Congregação ao 29º Capítulo Geral, em fevereiro de 2025.

Essa é uma tarefa exigente para a qual peço imediatamente suas orações e a invocação do Espírito Santo para ser fiel ao Senhor Jesus Cristo, com o coração de Dom Bosco.

Meu nome é Stefano [Estêvão]

Antes de passar às coisas importantes, algumas palavras para me apresentar: meu nome é Stefano [Estêvão], nasci em Turim, em uma família típica de nossa terra; filho de um pai ex-aluno salesiano, que queria me mandar para a mesma escola em que ele havia estudado em sua época, e de uma mãe professora, também ex-aluna de uma escola católica. Deles recebi a vida e a vida de fé, simples e concreta. Foi assim que minha irmã e eu crescemos, somos apenas dois.

Meus pais já estão no céu, nas mãos de Deus, e estarão sorrindo muito quando virem as coisas que acontecem com seu filho… eles certamente comentarão: *dun Bosch tenje nà man sla testa!* (Dom Bosco mantém uma mão sobre sua cabeça!)

Falando de salesianos, sempre fiz parte da Inspetoria Salesiana do Vale do Piemonte-Aosta, até que no CG27 me pediram para coordenar a Região Mediterrânea (todas as realidades salesianas ao redor do Mar Mediterrâneo, nos três continentes que fazem fronteira com ele… mas também incluindo Portugal e algumas áreas da Europa Oriental). Uma experiência salesiana maravilhosa, que me transformou, tornando-me internacional no modo de ver e sentir as coisas. O CG28 deu o segundo passo, pedindo-me para ser Vigário do Reitor-Mor, e aqui estamos! 10 anos ao lado do P. Ángel, aprendendo durante esses anos a sentir o coração do mundo, para uma congregação que está realmente espalhada por toda a terra.

O futuro próximo

O serviço destes próximos meses, até fevereiro de 2025, é, portanto, acompanhar a Congregação ao próximo Capítulo Geral, a ser realizado em Turim Valdocco, a partir de 16 de fevereiro de 2025.

Caros amigos, o Capítulo geral é o momento mais alto e mais importante da vida da Congregação, quando se reúnem os representantes de todas as Inspetorias da Congregação (estamos falando de mais de 250 irmãos) essencialmente para três coisas: conhecer-se, rezar e refletir para "pensar no presente e no futuro da Congregação" e eleger o próximo Reitor-Mor e todo o seu Conselho. Um momento muito importante, portanto, que o nosso P. Ángel abordou em sua reflexão sobre o tema "Apaixonados por Jesus Cristo e dedicados aos jovens". Esse tema que o Reitor-Mor escolheu para a Congregação será articulado em três aspectos diferentes e complementares: a centralidade de Cristo em nossa vida pessoal, a consagração religiosa; a dimensão de nossa vocação comunitária, na fraternidade e na corresponsabilidade leiga à qual é confiada a missão; os aspectos institucionais de nossa Congregação, a verificação da animação e do governo no acompanhamento da Congregação. Três aspectos para um único tema gerador.

A nossa Congregação tem grande necessidade deste Capítulo Geral, que vem depois de tantos acontecimentos que nos tocaram a todos. Basta pensar que o último Capítulo Geral foi celebrado perto da pandemia e foi concluído antecipadamente justamente pelo Covid.

Construindo esperança

Celebrar um Capítulo Geral é celebrar a Esperança, construir a Esperança por meio das decisões institucionais e pessoais que permitem que o "sonho" de Dom Bosco continue, que lhe dê um presente e um futuro. Cada pessoa é chamada a ser um sonho, no coração de Deus, um sonho realizado.

Na tradição salesiana, há aquela bela frase que Dom Bosco disse ao Padre Rua, chamado de volta a Valdocco para

assumir concretamente o lugar de Dom Bosco:
“O senhor fez Dom Bosco em Mirabello. Agora o fará aqui, no Oratório”.

Isso é o que realmente conta: “Ser Dom Bosco hoje” e é o maior presente que podemos dar a este mundo.

Conferência de Comunicação 2024, “Shaping Tomorrow”

De 1º a 7 de agosto de 2024 será realizada na Universidade Pontifícia Salesiana (UPS) de Roma uma Conferência sobre Comunicação, intitulada “Shaping Tomorrow”. Os organizadores são o Setor para a Comunicação da Congregação Salesiana e a Faculdade de Ciências da Comunicação Social da Universidade Pontifícia Salesiana. O objetivo é apontar novos caminhos na comunicação social, para “moldar o amanhã”. Apresentamos a visão dos organizadores.

“Quando você reza para chover, é preciso contar com a lama”. Assim disse Denzel Washington, relembrando as palavras de seu pai. No contexto da mídia e da comunicação, a chuva é representada pelas novas ferramentas e oportunidades tecnológicas do século XXI, como inteligência artificial, Internet de alta velocidade, mídias sociais, computadores, laptops, smartphones e tablets. A lama é representada por notícias falsas, cyberbullying e discurso de ódio, o desaparecimento de habilidades sociais e de comunicação, filtros e bolhas de informação, exclusão digital, entre outros.

“Shaping Tomorrow” é o slogan da Conferência sobre a Comunicação 2024, que será realizada em Roma de 1º a 7 de

agosto de 2024. Na comunicação social, não se trata de um guarda-chuva protetor contra o aguaceiro; afinal, esperamos pela chuva, assim como desejamos uma boa comunicação. Em vez disso, trata-se de construir estradas, calçadas, bueiros e pontes, evitando e reduzindo a lama na cidade chamada comunicação social, Internet ou mídia social. No contexto de novas formas de comunicação, isso significa desenvolver as possibilidades tecnológicas e, ao mesmo tempo, estar ciente dos aspectos negativos e dos desafios.

Moldar o amanhã, à medida que muda a era da comunicação, é como abrir a porta certa sem a atitude de ingenuidade de que há uma pessoa esperando atrás de cada porta. A ingenuidade no mundo da tecnologia moderna é como compartilhar suas emoções com a inteligência artificial e acreditar que ela demonstrará empatia ilimitada. Um smartphone moderno não é humano, um laptop não é humano, um servidor não é humano. No entanto, às vezes nos comportamos de forma ingênua, como se o hardware e o software substituíssem nossa mãe, nosso pai, nossa família, nossa comunidade e as emoções que sentimos, os desejos que queremos realizar e as necessidades que precisamos satisfazer. Procuramos um ser humano onde ele não existe. Em vez disso, o que obtemos é um substituto caricatural para a humanidade, os relacionamentos interpessoais e o tão desejado amor: a necessidade de amar os outros e a necessidade de ser amado pelos outros. Moldar o amanhã, por outro lado, significa construir uma comunicação baseada em uma antropologia cristã sólida – sem uma caricatura da humanidade e com respeito pela dignidade humana.

O desenvolvimento da tecnologia da comunicação nas últimas décadas transformou nossa sociedade em uma aldeia global, onde as informações viajam na velocidade da luz. Às vezes, o poder de uma pequena notícia é igual ao de um furacão do qual o mundo inteiro fala. Em um mundo em que a comunicação está se tornando não apenas a transmissão de informações, mas também a construção de relacionamentos e a influência sobre a

sociedade, “Shaping Tomorrow” é um convite para participar ativamente da formação do mundo que está por vir. Ele coloca o ser humano e sua dignidade no centro, de acordo com a norma personalista de João Paulo II.

Moldando o amanhã

– nós o entendemos como um chamado para moldar o futuro da comunicação salesiana por meio de uma comunicação responsável e eficaz;

– significa colocar o ser humano e sua dignidade no centro;

– é promover o ensinamento da Igreja sobre a comunicação social;

– trata-se da ética na comunicação social baseada em uma antropologia sólida;

– deseja gerar e promover soluções no campo da comunicação, conduzindo pesquisas e fornecendo análises, especialmente a partir de uma perspectiva salesiana;

– tem como objetivo reunir conhecimentos e informações para gerar novas ideias, resultados e recomendações no campo da comunicação social;

– em meio à revolução digital, requer o treinamento de profissionais de mídia;

– é participar ativamente do debate público e buscar soluções para os problemas da comunicação social;

– é atuar internacionalmente e influenciar os processos de tomada de decisão, fornecendo recomendações e soluções.

Assuntos que serão abordados na conferência

1. Mudança de época: cultura digital e Inteligência Artificial – Fábio Pasqualetti, sdb
2. Mudanças de época na comunicação – Fábio Bolzetta
3. Criadores de novas linguagens e paradigmas para a evangelização, especialmente no ambiente digital – Ir. Xiskya Valladares

4. Comunicação com migrantes e refugiados – Maurício di Schino
5. Boas práticas de evangelização nas mídias sociais – Ir. Xiskya Valladares
6. A Igreja no mundo digital e a abordagem das novas tecnologias na comunicação da Igreja – Fábio Bolzetta
7. Comunicação com as novas gerações, em particular com a Geração Z e Alpha. Como é a comunicação com as novas gerações no século 21, tanto face a face quanto no ambiente digital? – Mark McCrindle
8. Comunicação interna e externa na Igreja – os três papas – Valentina Alazraki
9. Comunicação de crise – Valentina Alazraki
10. Envolvendo o público jovem – 10 dicas para lidar com o público da Geração Z – Laura Wagner-Meyer
11. Jornalismo móvel – Simão Ferretti
12. Criadores de conteúdo – Simão Ferretti
13. Migrantes e refugiados – no contexto da comunicação com a geração mais jovem por meio da mídia social – Laura Wagner-Meyer
14. Como o trabalho da Igreja Católica pode entender melhor as transformações digitais que estão ocorrendo no mundo moderno? – Andy Stalman
15. Como a estratégia de marca pode mudar para melhor o trabalho salesiano no mundo? – Andy Stalman
16. Comunicação com migrantes e refugiados – Donatella Parisi

Detalhes da conferência no site dedicado, https://www.shapingtomorrowsdb.org

---

A enchente e a barcaça

salvadora (1886)

Ninguém pode se salvar da fúria das águas em grandes enchentes. Todos precisam de um salvador para levá-los em seu barco. Aqueles que não entram no barco correm o risco de serem arrastados pelas águas furiosas. Dom Bosco compreendeu um significado mais profundo em seu sonho, o da barcaça salvadora, e o transmitiu a seus jovens.

Dom Bosco então, diante da multidão de seus jovens, segunda-feira à noite, primeiro dia do ano, falou:

Parecia-me estar pouco diante de um lugar que, pelo aspecto, se parecia com Castelnuovo d'Asti, mas não era. Todos os jovens do Oratório se recreavam numa imensa pradaria. Eis senão quando, de repente, águas são vistas surgir nos limites daquela planície, e nos vimos circundados de todos os lados por uma inundação, que aumentava à medida que vinha em nossa direção. O rio Pó tinha saído de seu leito, enormes e apavorantes torrentes transbordavam de suas margens.

Nós, tomados pelo terror, saímos correndo em direção de um grande moinho isolado, longe de outras habitações, com grossas paredes, semelhantes às de uma fortaleza. Parei no pátio no meio de meus caros jovens consternados. Mas as águas começaram a invadir também aquela área; fomos obrigados a nos retirar todos em casa e, depois, subir aos quartos de cima. Das janelas se enxergava a extensão do desastre. Das colinas de Superga aos Alpes, em lugar de prados, campos cultivados, hortas, bosques, fazendas, vilarejos, cidades, não se via nada mais do que a superfície de um imenso lago. À medida que a água crescia, subíamos de um andar a outro. Tendo perdido toda esperança humana de nos salvar, comecei a encorajar os meus caros, dizendo que se colocassem todos com confiança nas mãos de Deus e nos braços de nossa querida mãe Maria.

A água já estava quase no nível do segundo andar. Aí o susto foi total, e não havia outra forma de fugir a não

ser com uma grande barcaça em forma de navio, que apareceu naquele momento, navegando perto de nós. Todos, com respiração ofegante, queriam ser os primeiros a se refugiar, mas não conseguiam, porque a barcaça não podia se aproximar da casa por causa de um muro, que emergia um pouco acima das águas. Só havia um único meio para passar; era um tronco fino e comprido de árvore. A passagem era dificílima, pois o tronco acompanhava o balanceio da barca agitada pelas águas.

Tomei coragem e passei por primeiro, e para facilitar aos jovens o transbordo e tranquilizá-los, distribuí clérigos e padres que, do moinho seguravam um pouco quem saía e na barcaça davam a mão a quem chegava. Mas, caso singular! Depois de um pouco desse trabalho, os clérigos e os padres estavam tão cansados que, ora aqui, ora ali, caíam de exaustão, e os que os substituíam tinham o mesmo destino. Maravilhado, também eu quis experimentar, e me senti tão exausto que não podia mais ficar de pé.

Entrementes, muitos jovens, impacientes, seja por medo da morte seja para mostrar coragem, tendo encontrado um pedaço de tábua bastante comprido e um pouco mais largo do que o tronco de árvore, fizeram uma segunda ponte e, sem esperar a ajuda dos clérigos e dos padres, estavam por se jogar precipitadamente, sem dar ouvidos a meus gritos. Eu gritava:

– Parem, parem, caso contrário cairão!

Aconteceu que muitos, ou machucados, ou perdendo equilíbrio, antes de chegar até a barca, caíram e, tragados por aquelas águas sujas e escuras, não foram mais vistos. A frágil ponte também afundou com todos os que estavam nela. Tão grande foi o número dos infelizes, que um quarto dos nossos jovens foi vítima de seu capricho.

Eu, que até então tinha segurado firmemente a extremidade do tronco de árvore enquanto os jovens subiam, percebendo que a inundação ultrapassara o nível do obstáculo provocado pelo muro, achei uma maneira de puxar a barcaça para o lado do moinho. Aqui estava o P. Cagliero que, com um pé no parapeito da janela e outro na beirada da barca, dando-lhes a mão e colocando-os a salvo na barca, fez pular os jovens que

haviam ficado nos quartos.

Nem todos os jovens estavam salvos ainda. Uns quantos tinham subido ao sótão e daí para o telhado. Ali estavam agrupados no cume apertando-se uns aos outros, enquanto a inundação crescia sem parar um instante, cobrindo já as extremidades e uma parte das beiradas do telhado. Com a água, também a barca subira e eu, vendo aqueles pobrezinhos em tão horrível dificuldade, gritei-lhes que rezassem de coração, que permanecessem quietos, que descessem unidos, segurando-se uns aos outros pelos braços para não escorregar. Obedeceram. Com o lado da nave encostada na beirada do telhado, eles também, ajudados pelos companheiros, vieram a bordo. Aqui havia grande quantidade de pães guardados em muitos cestos.

Quando estavam todos na barcaça, incerto ainda de escapar daquele perigo, tomei o comando de capitão e disse aos jovens:

– Maria é a Estrela do Mar. Não abandona quem nela confia; coloquemo-nos todos sob seu mando. Ela nos tirará dos perigos e nos guiará a um porto tranquilo.

Aí entregamos a barca aos vagalhões, enquanto flutuava maravilhosamente e se movia, afastrando-se daquele lugar (*facta est quase navis institoris, de longe portans panem suum* = é parecida com o navio do comerciante, que importa de longe as provisões. – Pr 31,16). O ímpeto das ondas agitadas pelo vento lhe imprimia tamanha velocidade que nós, abraçados uns aos outros, formamos um só corpo para não cair.

Percorrida muita distância em brevíssimo tempo, de repente a barca para e começa a girar em volta de si mesma com extraordinária velocidade; parecia afundar. Porém, uma golfada violentíssima de vento a tirou do vórtice. Tomou, então, uma velocidade mais regular e, repetindo-se de quando em quando um redemoinho e golpe de vento salvador, foi parar perto de uma margem mais enxuta, bonita e extensa que parecia erguer-se como uma colina no meio daquele mar.

Muitos jovens se encantaram. Dizendo que o Senhor tinha posto o homem na terra e não sobre as águas, sem pedir licença, saíram da barca festejando. Convidando outros a

segui-los, desembarcaram naquela colina. Sua alegria durou pouco, pois crescendo de novo as águas, devido a um repentino recrudescimento da tempestade, invadiram as fraldas daquela linda colina, e rapidamente soltando gritos desesperadores, aqueles infelizes se viram com a água até à cintura. Depois, derrubados pelas ondas, desapareceram. Eu exclamei:

— É mesmo verdade que quem faz de própria cabeça para caro.

A barca embalada por aquele turbilhão ameaçava de novo afundar. Vi então meus jovens de rosto pálido e ofegante. Gritei-lhes:

— Tenham coragem; Maria não nos abandonará. — Unânimes, de coração, recitamos os atos de fé, de esperança, de caridade e de contrição, alguns *Pai Nossos* e *Ave Marias* e a *Salve Rainha*; então, ajoelhados, dando-nos as mãos, recitamos individualmente orações particulares. Entretanto, alguns insensatos, indiferentes àquele perigo, como se nada estivesse acontecendo, levantando-se e vagueando, giravam ora para cá e ora para lá, dando risadas de mofa e gozando do comportamento de súplica dos companheiros. Eis que a nave para de improviso, gira sobre si mesma com rapidez, e um vento furioso jogou aqueles miseráveis nas ondas. Eram trinta, e sendo a água profunda e barrenta, assim que caíram nela, nada mais se viu deles. Nós entoamos a *Salve Rainha* e, mais do que nunca, invocamos de coração a proteção da Estrela do Mar.

Sobreveio a calma. E a nave, como um peixe, continuava a avançar sem que soubéssemos para onde nos teria conduzido. A bordo fervia continuamente e de várias maneiras um trabalho de salvamento. Fazia-se de tudo para impedir aos jovens de cair nas águas e para salvar os que haviam caído. Pois havia daqueles que, segurando-se incautamente nos baixos parapeitos da barcaça, caíam no lago. Havia também os prepotentes e cruéis que chamavam colegas para perto da beirada e com um empurrão os atiravam nas águas. Por isso vários padres preparavam varas fortes, grossas cordas e anzóis de diversas espécies. Outros amarravam os anzóis às varas e os distribuíam e estes e àqueles. Outros já estavam em seus

lugares com as varas levantadas e, com o olhar fixo sobre as ondas, atentos ao grito de socorro. Mal um jovem caía, as varas se abaixavam, o náufrago se agarrava na linha ou, então, com o anzol era fisgado pela cintura ou pelas roupas e, assim, era trazido a salvo. Entre os encarregados da pesca havia os que atrapalhavam ou impediam os pescadores e aqueles que preparavam ou distribuíam os anzóis. E os clérigos vigiavam por todos os lados para segurar os jovens que formavam ainda uma multidão.

Eu estava aos pés de um estandarte fixado no centro, rodeado por muitíssimos jovens, padres e clérigos que executavam minhas ordens. Até o momento que ficaram dóceis e obedientes às minhas palavras, tudo ia bem, estavam tranquilos, contentes e seguros. Não poucos começaram a achar incômoda a barcaça, a considerar a viagem muito longa, a se queixar do desconforto e dos perigos da travessia, a apostar a respeito do lugar aonde haveríamos de aportar, a pensar em maneira de procurar outro refúgio, e se iludir na esperança de que perto haveria terra, onde encontrariam abrigo seguro, a duvidar que cedo faltariam víveres, a discutir entre si, a recusar obedecer-me. Em vão me esforçava com motivações para persuadi-los.

E eis outras barcaças, que se aproximavam parecendo terem direção diferente da nossa, e os imprudentes decidiram secundar seus caprichos, afastar-se de mim e fazer seu próprio gosto. Atiraram às águas algumas mesas que estavam na nossa barcaça e, tendo visto outras bastante largas que flutuavam não muito afastadas, saltaram nelas e se afastaram atrás das barcaças que haviam aparecido. Foi uma cena indescritível e dolorosa para mim; via aqueles infelizes irem ao encontro da ruína. O vento soprava, os vagalhões se agitavam; alguns afundaram debaixo deles que se levantavam e abaixavam com fúria; outros foram envolvidos pelas espirais dos vórtices e arrastados para os abismos; outros bateram em obstáculos na superfície da água e desapareceram de cabeça para baixo. Alguns quantos conseguiram subir nas barcaças que, entretanto, não demoraram a submergir. A noite tornou-se

escura e negra. Ao longe se ouviam gritos lancinantes daqueles que pereciam. Todos naufragaram. *In mare mundi submergentur omnes illi quos non suscipit navis ista* (No mar do mundo naufragarão todos aqueles que esta nave não acolhe), isto é, o navio que é Maria Santíssima.

O número de meus queridos filhos tinha diminuído muito. Apesar disso, o barco entrou numa espécie de estreito apertadíssimo, entre duas margens lamacentas cobertas de arbustos e grandes lascas, pedregulhos, estacas, galhada, pedras quebradas, antenas, remos. Ao redor da barca viam-se tarântulas, sapos, cobras, dragões, crocodilos, tubarões, víboras e mil outros animais nojentos. Nos salgueiros chorões que pendiam sobre nossa embarcação, havia gatões de corpo estranho que dilaceravam pedaços de membros humanos. E muitos macacos que, balançando nos galhos, se esforçavam para tocar e enroscar-se nos jovens. Mas estes, inclinando-se amedrontados, se esquivavam daquelas insídias.

Foi ali, naquele canal, que revimos com grande surpresa e horror os pobres companheiros perdidos ou que haviam desertado de nós. Depois do naufrágio tinham sido jogados pelas ondas naquela praia. Os membros de alguns estavam em pedaços por causa do choque violentíssimo contra os escolhos. Um estava soterrado no pântano e dele só eram vistos os cabelos e metade de um braço. Aqui emergia da lama um dorso, mais adiante, uma cabeça; alhures boiava inteiramente visível algum cadáver.

De repente ouve-se a voz de um jovem da barcaça gritando:

– Aqui está um monstro que devora as carnes do fulano de tal!

E chama repetidamente pelo nome aquele desgraçado, apontando-o com o dedo aos companheiros aterrorizados. Mas outro era o espetáculo que se apresentava a nossos olhos. Não longe se levantava uma gigantesca fornalha; nela se propagava um alto e ardentíssimo fogo. Nela apareciam formas humanas e se viam pés, pernas, braços, mãos, cabeças, ora subindo ora descendo entre as chamas, confusamente, da mesma maneira que

uma leguminosa na panela quando esta ferve. Observando com atenção, descobrimos muitos de nossos alunos e ficamos espantados. Acima daquele fogo havia como que uma grande cobertura, na qual estava escrito em grandes caracteres estas palavras: – O SEXTO E O SÉTIMO CONDUZEM AQUI.

Perto havia um extenso e alto promontório com muitíssimas árvores desordenadamente dispostas. Aí se movimentava grande multidão de nossos jovens. Haviam ou caído nas ondas ou se afastado durante a viagem. Eu desci à terra sem olhar ao perigo. Aproximei-me e vi que estavam os olhos, os ouvidos, os cabelos ou até o coração, cheios de insetos e vermes nojentos que os roíam, causando-lhes enorme dor. Um destes sofria mais do que os outros; queria me aproximar dele, mas ele fugia de mim, escondendo-se atrás das árvores. Vi outros que, abrindo as vestes por causa da dor, mostravam a pessoa envolta por serpentes; outros tinham víboras no colo.

Mostrei a todos uma fonte que jorrava em grande quantidade água fresca e ferruginosa. Quem nela se lavasse, ficava curado no mesmo instante e podia voltar para a barcaça. Grande parte daqueles infelizes obedeceu a meu convite; entretanto, alguns recusaram. Eu, então, deixando de esperar, dirigi-me àqueles que tinham recuperado a saúde, e que, às minhas insistências, me seguiram em segurança, pois os monstros tinham se retirado. Apenas embarcados, a barcaça empurrada pelo vento saiu daquele estreito pelo lado oposto do qual tinha entrado, lançando-se num oceano sem limites.

Nós, lamentando o triste destino e fim lacrimoso dos nossos companheiros abandonados naquele lugar, começamos a cantar: *Lodate Maria, o lingue fedeli* (Louvando Maria o povo fiel…), em agradecimento à grande Mãe do céu, por nos haver protegido até então. No mesmo instante, como se fosse a mando de Maria, a fúria do vento cessou, e a nave começou a deslizar veloz por sobre ondas plácidas, com tanta facilidade que não se pode descrever. Parecia que ela avançasse unicamente com o impulso que os jovens lhe davam jogando para trás a água com a palma da mão.

E eis que aparece no céu o arco-íris, mais

maravilhoso e variado que uma aurora boreal. Passando nele lemos, sem entender-lhe o sentido, escrita em grandes caracteres, a palavra MEDOUM. A mim, porém, pareceu que cada letra é o começo destas palavras: *Mater Et Domina Omnis Universi Maria* (Mãe e Senhora de Todo o Universo Maria).

Após longo trecho de viagem, eis que desponta terra ao longe no horizonte. Aproximando-nos pouco a pouco, sentimos despertar no coração uma inexprimível alegria. Essa terra, muito amena por causa de pequenos bosques com toda espécie de árvores, oferecia a mais encantadora paisagem, porque era iluminada como a claridade da luz do sol nascente por detrás das colinas. Era uma luz que brilhava inefavelmente serena, parecida à de uma esplêndida tarde de verão, que infundia uma sensação de repouso e de paz.

Finalmente tocando contra as areias da praia e arrastando nelas, a barcaça parou no seco, aos pés de um belíssimo vinhedo. Desta barcaça se pode muito bem dizer: *Eam tu Deus pontem fecisti, quo a mundi fluctibus trajicientes ad tranquillum portum tuum deveniamos* (Ó Deus, fizeste a ponte pela qual podemos passar sobre as ondas do mundo e chegar tranquilos no porto).

Os jovens estavam desejosos de entrar na vinha, e alguns, mais curiosos do que outros, num pulo estavam na praia. Mas, depois de alguns passos, lembrando do destino infeliz daqueles primeiros que se encantaram com a margem no meio do mar borrascoso, retornaram bem de pressa ao barco.

Todos tinham os olhos voltados para mim; a pergunta estava na fronte de cada um:

– Dom Bosco, está na hora de descer e parar?

Primeiro refleti um pouco e depois lhes falei: – Desçamos, chegou a hora. Agora estamos em segurança!

Houve um grito geral de alegria! Todos, esfregando as mãos de satisfação, entraram no vinhedo arrumado com a maior ordem. Cachos de uva, parecidos com aqueles da terra prometida, pendiam das videiras. Nas árvores havia toda espécie de frutas que se possa desejar na bela estação, com sabor nunca experimentado. No meio daquela extensíssima vinha,

surgia um grande castelo rodeado por encantador e real jardim e por fortes muros.

Encaminhamo-nos para visitá-lo, sendo-nos concedida entrada franca. Estávamos cansados e famintos; numa sala ampla, completamente revestida de ouro, tinha sido preparada para nós uma grande mesa com toda qualidade das mais finas comidas, de que pudemos nos servir à vontade.

Enquanto terminávamos de nos alimentar, entrou na sala um nobre rapaz, ricamente vestido, de indescritível beleza. Cumprimentou-nos com cortesia afetuosa e familiar, dizendo nome de todos. Vendo que estávamos estupefatos e maravilhados por sua beleza e por tantas coisas que tínhamos já observado, nos disse: – Isso não é nada; venham e verão. – Todos nós o seguimos e, dos parapeitos das sacadas, nos mostrou os jardins, dizendo que nós éramos os donos deles para nossos recreios. Conduziu-nos de sala em sala, uma mais magnífica que a outra pela arquitetura, colunatas e decorações de todo estilo. Depois, abrindo uma porta que dava a uma capela, convidou-nos a entrar. Por fora a capela parecia pequena, mas assim que passamos os umbrais, podíamos ver. O piso, as paredes, as arcadas, eram guarnecidas e enriquecidas com admiráveis trabalhos em mármore, prata, ouro e pedras preciosas, que, eu extático, exclamei: – Mas isto é beleza de paraíso; faço qualquer coisa para ficar aqui para sempre!

No meio do grande templo, sobre rica base levantava-se uma grande magnífica estátua representando Maria Auxiliadora. Chamei muitos jovens que haviam se espalhado aqui e acolá, para contemplar a beleza do magnífico edifício sagrado. A multidão toda se colocou diante daquela estátua para agradecer à Virgem Celeste pelos muitos favores que nos concedeu. Nesse instante tomei consciência da imensidão daquela igreja, pois todos os milhares de jovens pareciam um grupo pequeno ocupando o centro.

Enquanto os jovens estavam contemplando aquela estátua que tinha fisionomia suave, verdadeiramente celestial, de repente ela parece movimentar-se e sorrir. E eis que acontece um murmúrio, um estremecimento na multidão.

Exclamaram alguns: – Nossa Senhora movimenta os olhos! – De fato, Maria Santíssima mexia com inefável bondade os seus olhos maternos sobre os jovens. Pouco depois um segundo grito geral: – Nossa Senhora mexe as mãos. – De fato, abrindo lentamente os braços, ela levantava o manto, como para acolher a todos debaixo dele. Em nossas faces corriam lágrimas pela emoção. Alguns disseram: – Nossa Senhora mexe os lábios! – Houve um silêncio profundo; e Nossa Senhora abriu a boca, dizendo com voz argentina e suavíssima:

– SE VOCÊS FOREM FILHOS DEVOTOS PARA MIM, EU SEREI MÃE PIEDOSA PARA VOCÊS!

A estas palavras todos caímos de joelhos e entoamos o canto: *Lodate Maria, o lingue fedeli*.

Esta harmonia era tão forte, tão suave que, vencido por ela, eu acordei. Assim acabou a visão.

Dom Bosco concluía:

Vejam, meus caros filhos! Neste sonho podemos reconhecer o mar borrascoso deste mundo. Se vocês forem dóceis e obedientes às minhas palavras e não derem corda aos maus conselheiros, depois de se terem esforçado para fazer o bem e fugir do mal, vencidas todas as nossas más tendências, chegaremos, no fim de nossa vida, a uma praia segura. Então virá ao nosso encontro, enviado pela Santíssima Nossa Senhora, aquele que, em nome de nosso bom Deus, nos introduzirá no seu jardim real, isto é, no Paraíso, na sua amabilíssima presença para nos confortar de nossos esforços. Mas se fizerem o contrário daquilo que eu lhes ensino, satisfazendo os próprios caprichos e não dando atenção aos meus conselhos, naufragarão miseravelmente.

Em diversas ocasiões, em particular, Dom Bosco dava alguma explicação detalhada deste sonho, que se refere não só ao Oratório, mas também à Pia Sociedade.

"O prado é o mundo; a água que ameaçava nos afogar são os perigos do mundo. A inundação, tão terrivelmente extensa, os vícios, e as afirmações irreligiosas são as perseguições contra os bons. – O moinho, quer dizer um lugar isolado e tranquilo, mas ainda ameaçado, é a casa do pão, a

Igreja Católica. – Os cestos de pão, a Santíssima Eucaristia que serve de Viático aos navegantes. – A barcaça é o Oratório. – O tronco de árvore, que dá passagem do moinho à barca, é a cruz, ou seja, o sacrifício de si mesmo a Deus por meio da mortificação cristã. – A tábua, colocada pelos jovens como ponto mais cômodo para entrar no barco, significa a transgressão do regulamento. Muitos entram com finalidades estranhas e baixas: fazer carreira, lucro, honrarias, comodidades, mudança de condições e de estado; estes são os que não rezam e debocham da piedade dos outros. – Os sacerdotes e os clérigos simbolizam a obediência e indicam os prodígios de salvação que conseguem realizar. – Os vórtices são as diversas e tremendas perseguições que surgiram e surgirão. – A ilha submersa, os desobedientes que não querem permanecer na barca e voltam para o mundo desprezando a vocação. – O mesmo seja dito dos que procuram refúgio em outras barcas. – Muitos dos que tinham caído na água estendiam a mão aos que estavam na barca e, ajudados pelos companheiros, voltavam. Eram os que tinham boa vontade, e que, tendo comedito pecado, se colocavam novamente na graça de Deus por meio da penitência. – O estreito, os gatões, os macacos e demais monstros, são as revoltas, as ocasiões e as seduções para a culpa etc. – Os insetos nos olhos, na língua, no coração, são os maus olhares, as conversas obscenas, os afetos desordenados. – A fonte de água ferruginosa, com o poder de matar todos os insetos e de curar no mesmo instante, são os Sacramentos da Confissão e da Comunhão. – A lama e o fogo são lugar de pecados e de condenação. Convém observar, contudo: isso não quer dizer que todos aqueles que caíram na lama e nunca mais foram vistos, e todos os que eram devorados pelas chamas devem se perder no inferno. Não! Deus nos livre de afirmar isso. Mas quer significar que ainda estavam sem a graça de Deus; se tivessem morrido naquele momento estariam eternamente perdidos. – A ilha feliz e o templo são a Sociedade Salesiana, firme e triunfante. E o maravilhoso moço que acolhe os jovens, conduzindo-os a visitar o palácio e o templo, parece ser um aluno falecido que já está na posse do

Paraíso. Talvez Domingos Sávio. (MBp VIII, 303-312)

Maravilhas da Mãe de Deus invocada sob o título de Maria Auxiliadora (8/13)

(continuação do artigo anterior)

Capítulo XV. Devoção e projeto de uma igreja para Maria Auxiliadora em Turim.

Antes de falar sobre a igreja erguida em Turim em homenagem a Maria Auxiliadora, vale a pena observar que a devoção dos turinenses a essa benfeitora celestial remonta aos primeiros dias do cristianismo. São Máximo, o primeiro bispo dessa cidade, fala disso como um fato público e antigo.

O santuário da Consolata é um maravilhoso monumento ao que estamos dizendo. Mas após a vitória de Lepanto, os turinenses foram os primeiros a invocar Maria sob o título especial de Auxílio dos Cristãos. O cardeal Maurício, príncipe de Saboia, promoveu muito essa devoção e, no início do século XVII, mandou construir uma capela na igreja de São Francisco de Paula com um altar e uma bela estátua dedicada a Maria Auxiliadora, feita de mármore precioso e elegante. A Virgem é apresentada segurando o Menino Divino em suas mãos.

Esse príncipe era um fervoroso devoto de Maria Auxiliadora e, como durante sua vida ele sempre oferecia seu coração à Mãe celestial, quando morreu, deixou em seu testamento que seu coração, como o mais querido penhor de si mesmo, fosse encerrado em um caixão e colocado na parede à direita do altar[1].

Como o tempo desgastou e deixou essa capela um tanto quanto sem valor, o rei Vitório Emanuel II ordenou que tudo fosse restaurado às suas próprias custas.

Assim, o piso, o supedâneo e o próprio altar foram como que renovados.

O povo de Turim, observando que o recurso a Maria Auxiliadora era um meio muito eficaz de obter graças extraordinárias, começou a se unir à Confraria de Munique, na Baviera, mas, devido ao grande número de associados, foi estabelecida uma Confraria nessa mesma igreja. Ela teve a aprovação apostólica do Papa Pio VI, que concedeu muitas indulgências e outros favores espirituais por meio do rescrito de 9 de fevereiro de 1798.

Assim, a devoção dos turinenses à augusta Mãe do Salvador estava se tornando cada vez mais difundida, e eles sentiram os efeitos mais salutares quando o projeto de uma igreja dedicada a Maria Auxiliadora foi concebido em Valdocco, um distrito densamente povoado da cidade. Aqui, portanto, muitos milhares de cidadãos vivem sem uma igreja de qualquer tipo que não seja a de Borgo Dora, que, no entanto, não comporta mais de 1.500 pessoas[2].

Nesse distrito, havia as pequenas igrejas da Pequena Casa da Divina Providência e do Oratório de São Francisco de Sales, mas ambas mal eram suficientes para atender às suas respectivas comunidades.

No ardente desejo, portanto, de atender às urgentes necessidades dos habitantes de Valdocco e dos muitos jovens que vêm ao Oratório nos dias de festa, vindos de várias partes da cidade, e que não cabem mais na pequena igreja atual, decidiu-se tentar construir uma igreja suficientemente capaz para esse duplo propósito. Mas uma razão muito especial para a construção dessa igreja foi a necessidade comumente sentida de dar um sinal público de veneração à Bem-Aventurada Virgem Maria, que, com o coração de uma verdadeira Mãe misericordiosa, havia protegido nossas cidades e nos livrado dos males aos quais tantas outras haviam sucumbido.

Duas coisas ainda estavam por vir para que o piedoso empreendimento saísse do papel: a localização do edifício e o título sob o qual ele seria consagrado. Para que os desígnios da Divina Providência pudessem ser cumpridos, essa igreja deveria ser construída na Rua Cottolengo, em um local espaçoso e livre, no centro daquela grande população. Portanto, foi escolhida uma área entre a referida Rua Cottolengo e o Oratório de São Francisco de Sales.

Enquanto as deliberações estavam em andamento com relação ao título sob o qual o novo edifício deveria ser erguido, um acontecimento eliminou todas as dúvidas. O Sumo Pontífice reinante, Pio IX, a quem nada escapa do que pode ser vantajoso para a religião, tendo sido informado da necessidade de uma igreja no local acima mencionado, enviou sua primeira oferta graciosa de 500 francos, fazendo saber que Maria Auxiliadora seria certamente um título agradável à augusta Rainha dos Céus. Em seguida, acompanhou a oferta caridosa com uma bênção especial aos doadores, acrescentando estas palavras: “Que esta pequena oferta tenha doadores mais poderosos e generosos que cooperarão na promoção da glória da augusta Mãe de Deus na terra e, assim, aumentarão o número daqueles que um dia farão sua gloriosa coroa no céu”.

Tendo assim estabelecido o local e o nome do edifício, um benemérito engenheiro, Antônio Spezia, concebeu o projeto e o desenvolveu na forma de uma cruz latina em uma área de 1.200 metros quadrados. Durante esse tempo, surgiram não pequenas dificuldades, mas a Santíssima Virgem, que queria esse edifício para sua maior glória, dissipou, ou melhor, removeu todos os obstáculos que estavam presentes na época e que se tornariam mais sérios no futuro. Portanto, a única coisa que se pensou foi em começar a tão sonhada construção.

Capítulo XVI. Início da construção e função da pedra fundamental.

Depois que as escavações foram feitas até a profundidade normal, estávamos prestes a colocar as primeiras

pedras e a primeira cal, quando percebemos que as fundações estavam assentadas sobre um solo de aluvião e, portanto, incapazes de suportar as fundações de um edifício daquele tamanho. Portanto, as escavações tiveram que ser aprofundadas ainda mais, e fazer uma paliçada forte e larga, correspondendo à periferia do edifício planejado.

A paliçada e a escavação em uma profundidade considerável provocaram maiores despesas, tanto pelo aumento do trabalho quanto pela quantidade de materiais e madeiras que precisavam ser colocados no subsolo. No entanto, o trabalho continuou em ritmo acelerado e, em 27 de abril de 1865, os alicerces puderam ser abençoados e foi colocada a pedra fundamental.

Para entender o significado dessa função, deve-se observar que a disciplina da Igreja Católica é que ninguém deve iniciar a construção de um edifício sagrado sem a permissão expressa do bispo, sob cuja jurisdição se encontra o terreno a ser usado para esse fim. *Aedificare ecclesiam nemo potest, nisi auctoritate dioecesani*[3].

Tendo conhecido a necessidade da Igreja e estabelecido sua localização, o bispo, pessoalmente ou por meio de um de seus delegados, vai colocar a pedra fundamental. Essa pedra representa Jesus Cristo, que é chamado de pedra angular nos livros sagrados, ou seja, o alicerce de toda autoridade, de toda santidade. O bispo, então, com esse ato, indica que reconhece sua autoridade recebida de Jesus Cristo, a quem esse edifício pertence e de quem deve depender todo exercício religioso que ocorrerá nessa igreja no futuro, enquanto o bispo toma posse espiritual do edifício ao colocar a pedra angular.

Os fiéis da Igreja primitiva, quando desejavam construir qualquer igreja, primeiro marcavam o local com uma cruz para indicar que o local, tendo sido destinado à adoração do Deus verdadeiro, não poderia mais servir para uso profano.

A bênção é então feita pelo bispo como o patriarca Jacó fez quando, em um deserto, levantou uma pedra sobre a

qual ofereceu um sacrifício ao Senhor: *Lapis iste, quem erexi in titulum, vocabitur domus Dei [Esta pedra que ergui como coluna sagrada será transformada em cada de Deus – Gn 28,22].*

É bom observar aqui que toda igreja e toda adoração exercida nela é sempre dirigida a Deus, a quem cada ato, cada palavra, cada sinal é dedicado e consagrado. Esse ato religioso é chamado de *Latria,* ou adoração suprema, ou serviço por excelência que é prestado somente a Deus. As igrejas também são dedicadas aos santos com um segundo culto chamado *Dulia*, que significa serviço prestado aos servos do Senhor.

Quando, então, o culto é dirigido à Santíssima Virgem, ele é chamado de *hiperdulia*, ou seja, um serviço superior ao que é prestado aos santos. Mas a glória e a honra que são prestadas aos santos e à Santíssima Virgem não param neles, mas, por meio deles, chegam a Deus, que é o fim de nossas orações e ações. Por isso, as igrejas são todas consagradas primeiro a *Deus Optimus Maximus [Supremo Bondosíssimo Deus]*, depois à Bem-Aventurada Virgem Maria, depois a algum santo, de acordo com a vontade dos fiéis. Assim, lemos que o Evangelista São Marcos, em Alexandria do Egito, consagrou uma igreja a Deus e a seu mestre, o Apóstolo São Pedro[4].

Também vale a pena observar que, em torno dessas funções, às vezes o bispo abençoa a pedra angular e algum personagem ilustre a coloca em seu lugar e coloca a primeira cal sobre ela. Assim, temos na história que o Sumo Pontífice Inocêncio X, no ano de 1652, abençoou a pedra angular da igreja de Santa Inês na Praça Navona, enquanto o Príncipe Pamfili, Duque de Carpinete, a colocou nos fundamentos.

Assim, em nosso caso, Dom Odone, de feliz memória, bispo de Susa, ficou encarregado de conduzir o serviço religioso enquanto o príncipe Amadeu de Saboia colocava a pedra fundamental em seu lugar e colocava a primeira cal sobre ela.

Portanto, em 27 de abril de 1865, o serviço

religioso começou às duas horas da tarde. O tempo estava claro; compareceu uma multidão de pessoas, a primeira nobreza de Turim e também pessoas de fora de Turim. Naquela ocasião, os jovens pertencentes à casa de Mirabello tinham vindo para formar uma espécie de exército com seus companheiros turinenses.

Após as orações e salmos prescritos, o venerável Prelado aspergiu com água benta os alicerces do edifício; depois foi até o pilar da cúpula no lado do Evangelho, que já estava no nível do piso atual. Ali foi feito um registro do que havia sido feito e foi lido em voz alta no seguinte teor:

"No ano do Senhor de mil e oitocentos e sessenta e cinco, em vinte e sete de abril, às duas horas da tarde, no décimo nono ano do Pontificado de Pio IX, dos Condes Mastai Ferretti, felizmente reinante, no ano décimo sétimo de Vitório Emanuel II, estando vacante a sede Arquiepiscopal de Turim, por morte de Dom Luís dos Marqueses Fransoni, Vigário Capitular o Teólogo Cônego José Zappata; Pároco da Paróquia de Borgo Dora, Teólogo Cavaleiro Agostinho Gattino; Diretor do Oratório São Francisco de Sales, P. João Bosco; na presença de Sua Alteza, o Príncipe Amadeu de Saboia, Duque de Aosta; do Conde Constantino Radicati, Prefeito de Turim; da Junta Municipal representada pelo Síndico desta cidade, Marquês Emanuel Luserna di Rorà, e da Comissão promotora desta igreja[5] a ser dedicada ao *Supremo Bondosíssimo Deus e a Maria Auxiliadora*, Dom João Antônio Odone, Bispo de Susa, com a oportuna faculdade do Ordinário desta Arquidiocese, procedeu à bênção dos fundamentos desta igreja e à colocação da pedra fundamental da mesma na grande coluna da cúpula no lado do Evangelho do altar-mor. Nesta pedra estão guardadas algumas moedas em metal e de valores diferentes, algumas medalhas com a efígie do Sumo Pontífice Pio IX e de nosso Soberano, uma inscrição em latim que lembra o objetivo desta função sagrada. O benemérito engenheiro arquiteto Cavaleiro Antônio Spezia elaborou o desenho da obra e, com espírito cristão, deu e ainda dá sua contribuição na direção dos trabalhos.

A forma da igreja é em cruz latina, com superfície de mil e duzentos metros. A motivação desta construção é a falta de igreja para os fiéis de Valdocco, e para atestar publicamente a gratidão à grande Mãe de Deus pelos grandes benefícios recebidos, por aqueles que são esperados, em maior quantidade, desta Celeste Benfeitora. A obra foi começada e se espera que, com a caridade dos devotos, será levada a feliz termo.

Os habitantes deste bairro de Valdocco, os turinenses e outros fiéis beneficiados por Maria, reunidos agora neste abençoado recinto, elevam ao Senhor Deus, à Virgem Maria, auxílio dos cristãos, uma fervorosa prece, a fim de conseguir do céu copiosas bênçãos sobre os turinenses, sobre os cristãos do mundo todo e, de modo particular, sobre o Chefe Supremo da Igreja Católica, protetor e insigne benfeitor deste sagrado edifício, sobre todas as autoridades eclesiásticas, sobre o nosso Augusto Soberano, e sobre toda a Família real, e especialmente sobre Sua Alteza Real, o Príncipe Amadeu que, aceitando o humilde convite, deu um sinal de veneração à grande Mãe de Deus. A Augusta Rainha dos Céus assegure um lugar na bem-aventurança eterna a todos aqueles que derem ou darão ajuda, para levar a cabo este sagrado edifício, ou de outra forma contribuirão no crescimento do culto e da glória d'Ela na terra."

Depois de ler e aprovar essa ata, ela foi assinada por todos os elencados acima e pelas mais importantes personalidades presentes. Depois foi dobrada e embrulhada com o projeto da igreja e alguns outros escritos, e colocada em um vaso de vidro especialmente preparado. Fechado hermeticamente, ele foi colocado na cavidade feita no meio da pedra fundamental. Tendo o bispo abençoado tudo, foi sobreposta outra pedra, e o Príncipe Amadeu ali colocou a primeira cal. Em seguida, os pedreiros continuaram seu trabalho até a altura de mais de um metro.

Findos os ritos religiosos, as autoridades mencionadas visitaram o estabelecimento e, em seguida, assistiram a uma apresentação dos próprios jovens. Vários

poemas de oportunidade foram lidos por eles; foram executadas várias peças de música vocal e instrumental, com um diálogo, no qual foi feito um relato histórico da solenidade do dia[6].

Ao final do agradável entretenimento, o dia terminou com uma devota ação de graças ao Senhor, com a bênção do Santíssimo Sacramento. Sua Alteza Real e sua comitiva deixaram o Oratório às cinco horas e meia, todos se mostrando plenamente satisfeitos.

Entre outros sinais de apreço, o Augusto Príncipe ofereceu a graciosa soma de 500 francos de sua caixa especial e deu seu equipamento de ginástica para os jovens desse estabelecimento. Pouco tempo depois, o engenheiro foi condecorado com a cruz dos Santos Maurício e Lázaro.

(continua)

---

[1] Após a morte desse príncipe, o Conde Tesauro fez a seguinte epígrafe, que foi gravada no piso do altar.
D. O. M.
SERENISSIMIS PRINCEPS MAURITIUS SABAUDIAE
MELIOREM SUI PARTEM
COR
QUOD VIVENS
SUMMAE REGINAE COELORUM LITAVERAT
MORIENS CONSECRAVIT
HICQUE AD MINIMOS QUOS CORDE DILIGERAT
VOLUME DE APONTAMENTOS
CLAUSIT ULTIMUM DIEM
QUINTO NONAS OCTOBRIS MDCLVII.

[2] Esse distrito é chamado de Valdocco, que vem das iniciais *Val. Oc. – Vallis Occisorum* – ou vale dos mortos, porque foi regado com o sangue dos santos Aventor e Otávio, que receberam a palma do martírio aqui.

A partir da igreja paroquial de Borgo Dora, traçando uma linha até a igreja da Consolata e a de Borgo São Donato, depois, voltando-se para a forja real de canos até o rio Dora, iniciava-se um espaço coberto de casas, onde viviam mais de 35.000 habitantes, entre os quais não havia nenhuma igreja pública.

[3] Conselho Aureliano. dist. l, *De consacr*.

[4] Ver Moroni, artigo *Chiese [Igrejas]*.

[5] Membros da comissão promotora da loteria para esta Igreja:

Marquês Emanuel Lucerna di Rorá, Prefeito da cidade de Turim, Presidente honorário.

Marquês Luís Scarampi de Pruney, Presidente.

Marquês Domingos Fassati, Vice-Presidente.

Cavaleiro José Moris, Conselheiro Municipal.

Doutor em Medicina e Cirurgia João Gribaudi, Secretário.

Cavaleiro Frederico Oreglia de Santo Estêvão, Secretário.

Comendador José Cotta, Senador do Reino, Tesoureiro.

Teólogo Valério Anzino, Capelão de Sua Majestade, Diretor da Exposição.

Conde Ernesto Bertone de Sambuy, Diretor da Exposição.

Cavaleiro Aleramo Bosco di Ruffino.

Comendador Bona, Diretor-Geral da administração das ferrovias meridionais.

P. João Bosco, Diretor dos Oratórios.

Carlos Cays, Conde de Giletta, Diretor da Exposição.

Cavaleiro João Batista Duprá, Perito na Câmara de Contas.

Cavaleiro José Dupré, Conselheiro Municipal.

Comendador Pedro Fenoglio, Ecônomo Geral.

Marquês de Castelnuovo Evásio Ferrari.

Cavaleiro Carlos Giriodi, Diretor da Exposição.

P. Vicente Minella, Diretor da Exposição.

Cavaleiro Comendador Pernati di Momo, Ministro de Estado e Senador do Reino.

Cavaleiro Hilário Pateri, Professor e Conselheiro Municipal.

Conde e Advogado Alessandro Provana di Colegno.

Conde Constantino Radicati, Prefeito.

Comendador João Rebaudengo, Secretário-Geral do Ministro da Casa Real.

Cavaleiro Clemente Sacarampi di Villanova, Diretor da Exposição.

Conde Alberto Solare della Margherita.

Comendador Casimiro Sperino, Doutor em Medicina e Cirurgia.

Sr. Carlos Uccelletti, Diretor da Exposição.

Cavaleiro Alessandro Vogliotti, Cônego Teólogo, Pró-Vigário Geral.

Conde José Villa de Monpascale, Diretor da Exposição.

Sr. Advogado Maurício Viretti, Diretor da Exposição.

[6] Uma das poesias com o diálogo e com a inscrição podem ser lidos no Apêndice colocado ao final do livreto.

Corrigindo os “filhos rebeldes” com São Francisco de Sales

Em setembro de 1594, Francisco de Sales, decano da catedral, chegou, acompanhado de seu primo, a Thonon, no Chablais, uma província localizada ao sul do Lago Lemano [*ou* de Genebra] e próxima a Genebra, para explorar o território com o objetivo de possivelmente reconquistar para o catolicismo essa província, que havia se tornado protestante por sessenta anos. Assim começou uma fase aguda de confronto com os filhos rebeldes da santa Igreja, que marcaria toda a sua vida como homem da Igreja. Até sua morte, em 1622, ele empregaria todos os recursos de uma arte que também é característica do educador quando confrontado com as “crianças rebeldes”.

Reconquistando almas

Na época de Francisco de Sales, os partidários de uma “redução” dos hereges pela força eram numerosos. Seu pai, o Senhor de Boisy, era da opinião de que era necessário falar com essas pessoas “com a boca dos canhões”. Embora a força política e militar de que dispunha o Duque de Saboia no Chablais o tivesse capacitado a conquistar “o corpo” dos habitantes, o que era mais importante para Francisco de Sales, e constituía seu principal objetivo, era conquistar as almas. Em outras palavras, ele disse à Filoteia que “aquele que conquista o coração do homem conquista o homem inteiro”.

A primeira coisa a fazer era saber exatamente qual era a posição dos adversários. Como argumentar com os protestantes se você não leu a *Instituição da Religião Cristã* de Calvino? O jovem decano escreveu já em 1595 para seu antigo

diretor espiritual, Padre Possevino:

Não me atrevo mais a atacar Calvino ou Beza, […] sem que todos queiram saber exatamente o que estou dizendo. Por isso, já sofri duas afrontas, que não teriam me tocado se eu não tivesse confiado nas citações de livros que me enganaram. […] Em suma, nesses bailiados [territórios], todos sempre têm em mãos as 'Instituições'; eu me encontro em um país onde todos sabem de cor suas 'Instituições'.

Possuímos uma lista com mais de sessenta livros proibidos, cujo uso foi permitido a Francisco de Sales pela Congregação da Inquisição. Ela contém não apenas obras de Calvino, Beza e vários autores protestantes, mas também traduções da Bíblia para o francês, catecismos protestantes, livros sobre controvérsias calvinistas, tratados sobre teologia protestante e vida evangélica, *panfletos* contra o papa ou simplesmente livros de católicos que foram colocados no índice.

Depois da ciência, a missão exigia qualidades morais e espirituais especiais, a começar pela total abnegação. Seu amigo e discípulo, o bispo João Pedro Camus, enfatizou essa atitude de desapego que caracterizaria toda a vida de Francisco de Sales: "Embora os de Genebra lhe tenham retido toda a renda da mesa episcopal e os rendimentos de seu cabido, nunca o ouvi reclamar de tais retenções". Por outro lado, de acordo com Francisco de Sales, não é bom se preocupar muito com os bens eclesiásticos, porque, segundo ele, "o destino dos bens da Igreja é como o da barba: quanto mais se raspa, mais robusta e espessa ela fica".

Seu objetivo era puramente pastoral: "Ele não desejava outra coisa senão converter as almas rebeldes à luz da verdade, que brilha somente na verdadeira Igreja". Quando falava de Genebra, "a quem chamava de sua pobre ou amada (termos de compaixão e amor), apesar de sua rebeldia", ele às vezes suspirava: "Da mihi animas, caetera tolle tibi". Entendido em seu sentido literal, que é o do livro do Gênesis

(cf. Gn 14,21), esse pedido feito a Abraão pelo rei de Sodoma, depois da vitória que lhe permitira recuperar os prisioneiros de guerra e os bens tomados do inimigo, significava simplesmente: “Dê-me o povo e fique com todo o resto”, isto é, com o saque. Mas, nos lábios de Francisco de Sales, essas palavras se tornaram a oração que o missionário dirigiu a Deus para pedir-lhe “almas”, renunciando completamente às recompensas materiais e aos interesses pessoais.

Ele mesmo, sem recursos (seu pai lhe havia cortado o sustento durante a missão no Chablais para convencê-lo a renunciar), queria ganhar a vida com seu trabalho. Ele disse:

Quando eu pregava a fé no Chablais, muitas vezes desejei ardentemente saber fazer alguma coisa, para imitar São Paulo, que se alimentava com o trabalho de [suas] mãos; mas não sou bom em nada, exceto em consertar minhas roupas de alguma forma; é verdade, porém, que Deus me deu a graça de não ser um fardo para ninguém no Chablais; quando eu não tinha nada para me alimentar, minha boa mãe me mandava de Sales roupa de cama e dinheiro em segredo.

A rebelião dos protestantes havia sido causada, em grande parte, pelos pecados do clero, razão pela qual sua conversão exigia três coisas acima de tudo dos missionários: oração, caridade e espírito de sacrifício. Ele escreveu a seu amigo Antônio Favre em novembro de 1594: “Oração, esmola e jejum são as três partes que compõem a corda que o inimigo rompe com dificuldade; com a graça divina, tentaremos amarrar esse adversário com ela”.

O método salesiano

A primeira coisa a fazer era nos colocarmos no mesmo terreno intelectual dos adversários. O mínimo que se podia dizer deles a esse respeito era que eram absolutamente refratários aos argumentos filosóficos e teológicos herdados da escolástica medieval. Um ponto importante, esse, que foi identificado assim por Pedro Magnin:

Ele evitava com todas as suas forças se lançar nas disputas e brigas da escolástica, já que isso era feito em vão e, para o povo, aquele que fala em voz mais alta sempre aparece como se tivesse mais razão. Em vez disso, ele se dedicava principalmente a propor de forma clara e articulada os mistérios de nossa santa fé e a defender a Igreja Católica contra as crenças vãs de seus inimigos. Para esse fim, ele não se sobrecarregava com muitos livros, pois por cerca de dez anos usou apenas a Bíblia, a "Suma Teológica" de Santo Tomás e as "Controvérsias" do Cardeal Belarmino.

De fato, se Santo Tomás lhe forneceu o ponto de referência católico e "o eminente teólogo" Belarmino o arsenal de evidências contra os protestantes, a única base para uma possível discussão era a Bíblia. E nisso ele concordava com os hereges:

A fé cristã está fundamentada na palavra de Deus; é ela que a coloca no grau supremo de segurança, porque tem essa verdade eterna e infalível como seu fiador. A fé que se baseia em outro lugar não é cristã. Portanto, a palavra de Deus é a verdadeira regra da boa fé, já que ser fundamento e regra nesse campo é a mesma coisa.

Francisco de Sales era muito severo com os autores e propagadores de erros, especialmente com os "heresiarcas" Calvino e os ministros protestantes, em relação aos quais, para ele, não se podia conceber nenhuma tolerância. Sua paciência, ao contrário, era ilimitada com todos aqueles que ele considerava vítimas de suas teorias. Novamente Pedro Magnin nos assegura que Francisco
escutava pacientemente suas dificuldades, sem nunca se encolerizar e sem proferir palavras insultuosas contra eles, apesar do fato de que esses hereges eram acalorados em suas disputas e geralmente faziam uso de insultos, zombarias ou calúnias; em vez disso, ele lhes demonstrava um amor muito cordial, para convencê-los de que não era animado por nenhum

outro interesse além da glória de Deus e da salvação das almas.

Em uma seção de seu livro intitulada "*Da acomodação*", João Pedro Camus apontou uma série de características do modelo salesiano, que o diferenciava de outros missionários no Chablais (provavelmente capuchinhos) com suas vestes longas e aparência austera e rude, que apostrofavam o povo com as expressões: "corações incircuncisos, rebeldes à luz, teimosos, raça de víboras, membros corruptos, centelhas do inferno, filhos do diabo e das trevas". Para não assustar a população, Francisco e seus colaboradores decidiram "sair vestidos com capas curtas e botas, convencidos de que, dessa forma, teriam acesso mais fácil às casas do povo e não deixariam as pessoas com os olhos arregalados por usarem vestes longas que eram novas para eles".

Ainda de acordo com Camus, ele foi denunciado ao bispo porque chamava os hereges pelo nome de "irmãos", embora fossem sempre irmãos "errantes", que ele convidava à reconciliação e à reunificação. Aos olhos de Francisco, a fraternidade com os protestantes era justificada por três motivos:

Eles, de fato, são nossos irmãos em virtude do batismo, que é válido na Igreja deles; são, além disso, quanto ao sangue e à carne, porque nós e eles somos descendentes de Adão. Além disso, somos concidadãos e, portanto, súditos do mesmo príncipe; isso não é capaz de constituir alguma fraternidade? Além disso, eu os considerava como filhos da Igreja quanto à sua disposição, porque eles se permitem ser instruídos, e como meus irmãos quanto à esperança do mesmo chamado à salvação; e é precisamente [pelo nome de irmãos] que os catecúmenos eram chamados nos tempos antigos antes de serem batizados.

Irmãos perdidos, irmãos rebeldes, mas ainda assim irmãos. Os missionários "de choque" o criticaram, então, porque ele "estragou tudo pensando que estava fazendo o bem,

porque cedeu ao orgulho tão natural à heresia, porque fez essas pessoas dormirem em seu erro, acomodando o travesseiro debaixo do cotovelo; quando, em vez disso, era melhor corrigi-las usando a misericórdia e a justiça, sem ungir suas cabeças com o óleo da lisonja". Por sua vez, Francisco tratava as pessoas com respeito, na verdade, com compaixão, e "se os outros queriam se fazer temidos, ele queria se fazer amado e entrar nos espíritos pela porta da complacência".

Embora Camus pareça forçar as características ao opor os dois métodos, é certo que o método salesiano tinha suas próprias características. A tática que ele empregou com um calvinista como João Gaspar Deprez prova isso claramente: na ocasião do primeiro encontro entre eles, conta ele, "ele se aproximou de mim e me perguntou como estava o pequeno mundo, ou seja, o coração, e se eu acreditava que poderia ser salvo em minha religião e como eu servia a Deus nela". Durante as conversas secretas que teve em Genebra com Teodoro de Beza, sucessor de Calvino, ele usou o mesmo método baseado no respeito pelo interlocutor e no diálogo educado. O único que se irritou foi Beza, que proferiu "palavras indignas de um filósofo".

De acordo com Jorge Rolland, que muitas vezes viu Francisco trabalhando com os protestantes, "ele nunca os pressionou […] a ponto de deixá-los indignados e cobertos de vergonha e confusão"; mas "com sua ordinária gentileza, ele lhes respondia judiciosamente, lentamente, sem amargura e desprezo, e dessa forma conquistou seus corações e sua boa vontade". Ele também acrescenta que era "frequentemente criticado pelos católicos que o acompanhavam nessas conferências, porque tratava seus oponentes com muita gentileza. Diziam-lhe que ele deveria envergonhá-los por suas respostas impertinentes; ao que ele respondia que usar palavras insultuosas e desdenhosas apenas desencorajaria e impediria essas pobres pessoas mal orientadas, enquanto era necessário tentar salvá-las e não confundi-las. E na cátedra, ao falar deles, ele dizia: "Nossos senhores adversários", e evitava o nome de hereges ou huguenotes o máximo possível.

A longo prazo, esse método se mostrou eficaz. A hostilidade inicial do povo do Chablais, que estava familiarizado com os termos insultantes “papista”, “mágico”, “feiticeiro”, “idólatra” e “homem de um olho só”, gradualmente deu lugar ao respeito, à admiração e à amizade. Comparando esse método com o de outros missionários, Camus escreveu que Francisco “pegou mais moscas com uma colher de mel que lhe era tão familiar do que todos eles com seus barris de vinagre”. De acordo com Cláudio Marin, os primeiros que ousavam se aproximar dele eram as crianças; “ele lhes fazia uma carícia acompanhada de uma palavra doce”. Um recém-convertido, tentado a voltar para trás (para a heresia), dizia: “O senhor recuperou minha alma”.

Em busca de uma nova forma de comunicação

No início de sua missão no Chablais, Francisco de Sales logo se deparou com um muro. Os líderes do partido protestante haviam decidido proibir seus correligionários de assistir aos sermões do padre papista. O que fazer em tais condições? Como o povo de Thonon não queria ir até ele, ele iria até o povo. Como? A nova forma de comunicação consistiria em redigir e distribuir periodicamente folhetos, fáceis de ler à vontade em suas casas.

O empreendimento começou em janeiro de 1595. Ele redigiu os primeiros artigos, copiados à mão enquanto aguardava os serviços de uma tipografia, e os distribuiu pouco a pouco. Em seguida, enviava um novo folheto a Chambéry toda semana para ser impresso, que depois era distribuído nas casas de Thonon e no campo. Dirigindo-se aos “senhores de Thonon”, Francisco de Sales explicou-lhes o porquê e o como dessa iniciativa:

Tendo passado algum tempo pregando a palavra de Deus em sua cidade, sem ter sido ouvido por vocês, a não ser raramente, pouco a pouco e secretamente, para não omitir nenhuma tentativa de minha parte, comecei a escrever algumas razões principais, que escolhi principalmente em meus sermões e que

tratei anteriormente de viva voz em defesa da fé da Igreja.

Distribuídos periodicamente nos lares, os folhetos apareceram como uma espécie de revista semanal. Que vantagem achava que obteria com essa nova forma de comunicação? Ao se dirigir aos "senhores de Thonon", Francisco de Sales destacou as quatro "conveniências" da comunicação escrita:

l. Leva a informação para casa. 2. Facilita o confronto público e o debate de opiniões com o adversário. 3. É verdade que "as palavras ditas com a boca estão vivas, enquanto as escritas no papel estão mortas"; no entanto, a escrita "pode ser manuseada, oferece mais tempo para reflexão do que a voz e permite que você pense mais profundamente sobre o assunto". 4. A comunicação escrita é um meio eficaz de combater a desinformação, pois torna os pensamentos do autor conhecidos com precisão e permite verificar se os pensamentos de um personagem correspondem ou não à doutrina que ele afirma defender. Isso o levou a dizer: "Não digo nada a Thonon, exceto o que quero que seja conhecido em Annecy e Roma, caso haja necessidade".

De fato, ele considerava que seu primeiro dever era lutar contra as deformações da doutrina da Igreja por autores protestantes. João Pedro Camus explica isso com precisão:

Um de seus maiores males reside no fato de que seus ministros falsificam nossas crenças, de modo que sua apresentação acaba sendo algo bem diferente do que realmente é. Por exemplo, que não damos nenhuma importância à Sagrada Escritura; que adoramos o Papa; que consideramos os santos como deuses; que damos mais importância à Santíssima Virgem do que a Jesus Cristo; que adoramos imagens com uma adoração latrêutica e atribuímos a elas uma aura divina; que as almas do purgatório estão no mesmo estado e no mesmo desespero que as do inferno; que adoramos o pão da Eucaristia; que privamos as pessoas de participarem do sangue de Jesus Cristo; que não nos importamos

com os méritos de Jesus Cristo, atribuindo a salvação somente aos méritos de nossas boas ações; que a confissão auricular é um tormento para o espírito; e outras invectivas semelhantes, que tornam nossa religião odiosa e desacreditada entre essas pessoas, que são assim mal informadas e enganadas.

Duas atitudes caracterizam o procedimento pessoal de Francisco de Sales como "jornalista": de um lado, o dever de informar seus leitores com precisão, explicando-lhes as razões da posição católica, em suma, ser-lhes útil; de outro, um grande desejo de mostrar-lhes sua afeição. Dirigindo-se aos seus leitores, ele imediatamente declarou: "Vocês nunca lerão um escrito dirigido a vocês, vindo de um homem tão afeiçoado ao seu bem espiritual quanto eu".

Além da comunicação escrita, ele também usava outras formas de comunicação, principalmente o teatro. Na ocasião do grande evento católico em Annemasse, em setembro de 1597, ao qual compareceu uma multidão de milhares de pessoas, foi apresentado um drama bíblico intitulado *O Sacrifício de Abraão*, no qual o decano personificava Deus Pai. O texto composto em versos não era de sua autoria; no entanto, foi ele quem sugeriu o tema a seu primo, Cônego de Sales, e ao irmão Luís, que era considerado "extremamente versado em letras humanas".

Verdade e caridade

O autor do livro *O Espírito do Bem-Aventurado Francisco de Sales* captou bem o coração da mensagem salesiana em sua forma definitiva, ao que parece, quando intitulou o início de sua obra: *Da Verdadeira Caridade*, citando esta "frase preciosa e notável" de seu herói: "A verdade que não é caridosa brota de uma caridade que não é verdadeira".

Para Francisco de Sales, explica Camus, toda correção deve ter como objetivo o bem daquele que está sendo corrigido (o que pode causar sofrimento momentâneo) e deve ser feita com gentileza e paciência. Além disso, aquele que corrige deve estar pronto para sofrer injustiça e ingratidão

por parte daquele que recebe a correção.

Sobre a experiência de Francisco de Sales no Chablais, será lembrado que a indispensável aliança da verdade com a caridade nem sempre é fácil de ser posta em prática, que há muitas maneiras de colocá-la em prática, mas que é indispensável para aqueles que são animados por uma genuína preocupação com a correção e a educação dos "filhos rebeldes".

Exposição para os 200 anos do sonho de Dom Bosco

Diálogo entre passado, presente e futuro: exposição temporária para os 200 anos do sonho de Dom Bosco. Museu Casa Dom Bosco

Falar da biografia de Dom Bosco sem mencionar o mundo dos sonhos é suprimir um aspecto importante de sua identidade. A vida do santo foi marcada pelo sobrenatural, por visões e sonhos que Deus lhe enviou desde a infância, quando, entre os nove e dez anos de idade, João Bosco teve seu primeiro sonho, que o marcou profundamente e o acompanhou por toda a vida.

O sonho foi considerado profético porque iluminou seu projeto de vida, tanto na escolha do estado eclesiástico quanto na dedicação total à juventude pobre e abandonada. De fato, em certo sentido, marcou seu caminho, pois começou nos prados dos Becchi, sua cidade natal, foi realizado em Turim quando ele se estabeleceu no distrito de Valdocco e foi recordado na igreja do Sagrado Coração de Jesus, no Castro Pretório, em Roma, um ano antes de sua morte. Ao mesmo tempo, a partir de 1875, com as missões salesianas, ele abraçou vários continentes do mundo, chegando até os dias de hoje, onde a presença salesiana trabalha para manter vivo o sonho do fundador.

Dois séculos depois, ciente de que o sonho de Dom Bosco ainda está vivo, o museu da casa-mãe em Valdocco – Turim, *Museu Casa Don Bosco*, inaugurou em 22 de maio uma exposição temporária que permanecerá aberta até 22 de setembro de 2024.

A exposição, resultado de uma pesquisa anterior, é dividida em várias seções que exploram a narrativa, a história e a iconografia do sonho nas artes e a ressonância do sonho hoje, duzentos anos depois.

A seleção de objetos histórico-artísticos em diferentes mídias ajuda a descobrir diferentes momentos da história salesiana que relembram esse evento crucial na vida do santo. Juntamente com as fotografias históricas, objetos do período entre a beatificação (1929) e a canonização (1934), quando começou a representação do Sonho nas artes: ilustrações em livros, cartões postais, moedas comemorativas, pinturas a óleo e em papel etc.

A exposição apresenta uma importante seleção de gravuras originais. Os artistas Conrado Mezzana (1890-1952), Guido Grilli (1905-1967), Cosme [Nino] Musio (1933-2017) e Alarico Gattia (1927-2022) são alguns dos autores. As histórias em quadrinhos de Grilli, Musio e Gattia foram encomendadas pela Libreria della Dottrina Cristiana (1941), fundada pelo quarto sucessor de Dom Bosco, o P. Pedro Ricaldone (1870-1951). Essas obras, que foram distribuídas em várias publicações, mídias, formatos e idiomas em todo o mundo, são preservadas pela atual editora Elledici (LDC).

A exposição é completada com as dezessete fotografias vencedoras do concurso internacional de fotografia realizado desde janeiro de 2024 e promovido pela casa museu com o objetivo de destacar o talento artístico e criativo de todo o mundo salesiano. As fotos são descritas pelos próprios autores no idioma original e provêm da Itália, México, Panamá, Eslováquia, Espanha e Venezuela.

Essas imagens dialogam entre passado, presente e futuro e nos fazem refletir sobre como, dois séculos depois, o Sonho de Dom Bosco se tornou realidade nas presenças salesianas em todo o mundo.

Além disso, o setor de Pastoral Juvenil da Congregação Salesiana promove a celebração do Sínodo Juvenil Salesiano em todo o mundo e, por ocasião do bicentenário do sonho, reuniu mais de 200 sonhos de jovens de todo o mundo na publicação "Diamantes escondidos", alguns dos quais estão presentes na exposição.

Foto: Guido Grilli (1905-1967), Sonho de Joãozinho, 16,6 x 23 cm, 1952, filme D15, imagem n. 4. Arquivo Histórico Editora Elledici.

dra. Ana MARTÍN GARCÍA
Historiadora de arte, curadora de patrimônio cultural e doutora europeia (Doctor Europaus) em artes visuais pela Universidade de Bolonha. Ex-aluna dos Salesianos de Estrecho (Madri, Espanha). Desde 2023, trabalha na direção do Museu Casa Dom Bosco em Valdocco – Turim como Coordenadora Geral.

Dom Bosco nas Ilhas Salomão

Acompanhados por um salesiano local, conhecemos uma presença educativa significativa na Oceania.

A presença de Dom Bosco chegou a todos os continentes do mundo, podemos dizer que só falta a Antártida, e mesmo nas ilhas da Oceania o carisma salesiano, bem adaptado às diferentes culturas e tradições, está se difundindo.

Há quase 30 anos, os salesianos trabalham também nas Ilhas Salomão, um país do sudoeste do Pacífico que

compreende mais de 900 ilhas. Eles chegaram em 27 de outubro de 1995, a pedido do Arcebispo Emérito Dom Adrian Smith, e começaram a trabalhar com três irmãos do Japão, os primeiros pioneiros salesianos no país. Inicialmente, foram para Tetere, na paróquia de Cristo Rei, na periferia da capital Honiara, na ilha de Guadalcanal, e depois abriram outra presença em Honiara, na área de Henderson. Há menos de dez salesianos trabalhando no país e eles vêm de diferentes países da Ásia e da Oceania: Filipinas, Índia, Coreia, Vietnã, Papua Nova Guiné e Ilhas Salomão.

As Ilhas Salomão são um país muito pobre na região oceânica da Melanésia, que passou por muita instabilidade política e problemas sociais desde a independência em 1978, enfrentando conflitos e violentos confrontos étnicos dentro de suas fronteiras. Embora seja conhecido como as “Ilhas Felizes”, o país está se afastando gradualmente dessa identidade, pois enfrenta todos os tipos de desafios e problemas decorrentes do abuso de drogas e álcool, corrupção, gravidez precoce, famílias desestruturadas, falta de emprego e oportunidades educacionais, e assim por diante, diz o salesiano Tomás Bwagaaro, que nos acompanha neste artigo.

As Ilhas Salomão têm uma população estimada em cerca de 750.000 pessoas, e a maioria é de jovens. A população é predominantemente melanésia, com alguns povos micronésios, polinésios e outros. A maioria da população é cristã, mas há também outras religiões, como a fé Bahai e o islamismo, que estão gradualmente entrando no país. As paisagens marítimas paradisíacas e a rica biodiversidade fazem dessas ilhas um lugar fascinante e frágil ao mesmo tempo. Tomás nos conta que os jovens são geralmente dóceis e sonham com um futuro melhor. No entanto, com o aumento da população e a falta de serviços e até mesmo de um espaço para obter educação superior, parece

que a juventude de hoje está frustrada com o governo e muitos jovens recorrem ao crime, como tráfico de drogas ilegais, bebidas, furtos, roubos e assim por diante, especialmente na cidade, apenas para ganhar uma renda. Nessa situação nada fácil, os salesianos arregaçam as mangas para oferecer esperança para o futuro.

Na comunidade de Tetere, o trabalho se concentra na escola, em um centro de formação profissional que oferece cursos agrícolas e na paróquia de Cristo Rei. Além dos cursos de educação formal, na escola há campos de jogos para os alunos, para os jovens que frequentam a paróquia e para as comunidades que vivem na mesma área, e o oratório fica aberto nos fins de semana. O desafio que a comunidade enfrenta é a distância de Honiara e a falta de recursos para ajudar a escola a atender ao bem-estar dos alunos. No que diz respeito à paróquia, a má condição das estradas que levam aos vilarejos é uma grande preocupação, o que frequentemente contribui para problemas com veículos e, portanto, torna o transporte mais difícil.

A comunidade de Honiara-Henderson administra uma escola técnica profissionalizante que atende a homens e mulheres jovens que abandonaram a escola e não têm a oportunidade de continuar seus estudos. Os cursos técnicos variam de tecnologia elétrica, fabricação e soldagem de metais, administração de escritórios comerciais, hotelaria e turismo, tecnologia da informação, tecnologia automotiva, construção de edifícios e curso sobre energia solar.

Além disso, a comunidade também apoia um centro de aprendizado que atende principalmente a crianças e jovens do aterro sanitário de Honiara e das comunidades ao redor da escola que não têm a oportunidade de frequentar escolas normais.

Entretanto, devido à falta de instalações, nem todos podem ser acomodados no centro, apesar dos esforços de toda a comunidade. Seguindo o Sistema Preventivo de Dom Bosco, os salesianos não apenas oferecem oportunidades educacionais, mas também cuidam do aspecto espiritual dos alunos por meio de vários programas e atividades religiosas, para formá-los como "bons cristãos e honestos cidadãos". Por meio de seus programas, a escola salesiana transmite mensagens positivas às crianças e as educa na disciplina e no equilíbrio, para evitar que caiam nos problemas de abuso de drogas e álcool, que são comuns entre os jovens. Um desafio que a comunidade salesiana enfrenta para oferecer uma educação de qualidade é a formação dos funcionários, para que sejam sempre profissionais e, ao mesmo tempo, compartilhem os valores carismáticos salesianos, em um espírito de corresponsabilidade educacional. A escola precisa de missionários leigos e voluntários que estejam comprometidos em ajudar os jovens a realizar seus sonhos e a se tornarem uma versão melhor de si mesmos.
Embora a situação atual do país deva se tornar mais difícil nos próximos anos, Tomás nos diz: "Acredito que os jovens das Ilhas Salomão querem e esperam um futuro melhor, querem pessoas que os inspirem a sonhar, que os acompanhem, que os escutem e os guiem a ter esperança e a olhar além dos desafios e problemas que continuamente experimentam todos os dias, especialmente quando migram para a cidade.

Mas como pode nascer uma vocação para a vida consagrada salesiana nas Ilhas Salomão?
Tomás Bwagaaro é um dos dois únicos salesianos das Ilhas Salomão. "É um privilégio para mim trabalhar para os jovens em meu país. Como local, lidar com os jovens e ouvir as lutas que eles às vezes enfrentam me dá força e coragem para ser um bom salesiano." O trabalho educacional e o testemunho pessoal de vida podem ser uma fonte de inspiração para outros jovens que queiram se juntar à congregação salesiana e dar continuidade ao sonho de Dom Bosco de ajudar os jovens dessa região, como aconteceu na história de Tomás. Sua jornada para se tornar um

salesiano começou como estudante no Don Bosco Tetere em 2011. Inspirado pela maneira como os salesianos interagiam com os alunos, ele foi cativado e se lembra dos dois anos que passou lá como a melhor experiência estudantil, que lhe deu esperança e a chance de sonhar com um futuro brilhante, apesar da situação difícil e da falta de oportunidades. A jornada vocacional na comunidade começou com a participação nos momentos de oração da manhã e da noite dos salesianos, com um senso gradual e crescente de compartilhamento. Assim, em 2013, Tomás entrou no aspirantado salesiano "Savio Haus" em Port Moresby, Papua Nova Guiné, frequentando o internato por quatro anos com outros companheiros. A formação salesiana claramente internacional continuou nas Filipinas, em Cebu, com o pré-noviciado e o subsequente noviciado, no final do qual Tomás fez seus primeiros votos como salesiano no Santuário de Maria Auxiliadora em Port Moresby, na solenidade de Maria Auxiliadora, 24 de maio de 2019. Em seguida, voltou para as Filipinas para estudar filosofia e, finalmente, retornou à "PGS", ou inspetoria salesiana que inclui Papua Nova Guiné e Ilhas Salomão. "Como salesiano local, sou muito grato à minha família que me apoiou de todo o coração e aos irmãos que deram um bom exemplo e me acompanharam em minha jornada como jovem salesiano." A vida religiosa, ao lado dos jovens e de muitos leigos exemplares, ainda é tão relevante hoje como foi no passado. "Olhando para o futuro, posso dizer com confiança que as Ilhas Salomão continuarão a ter muitos jovens e a necessidade de salesianos, voluntários salesianos e parceiros missionários leigos para continuar este maravilhoso apostolado de ajudar os jovens a serem bons cristãos e honestos cidadãos será muito relevante."

Marco Fulgaro

Entrevista com o P. Filipe BAUZIÈRE, Inspetor do Brasil Manaus

Fizemos ao P. Filipe BAUZIÈRE, novo Inspetor do Brasil Manaus (BMA), algumas perguntas para os leitores do Boletim Salesiano OnLine.

O P. Filipe Bauzière nasceu em Tournai, Bélgica, em 2 de fevereiro de 1968. Fez o noviciado salesiano na casa de Woluwe-Saint-Lambert (Bruxelas) e emitiu a primeira profissão, também em Bruxelas, no dia 9 de setembro de 1989. Em 1994, chegou ao Brasil pela primeira vez, em Manaus, onde fez sua profissão perpétua em 5 de agosto do ano seguinte.
Foi ordenado diácono em Ananindeua em 15 de novembro de 1997 e, um ano depois, em 28 de junho de 1998, foi ordenado sacerdote na catedral de sua cidade natal, Tournai.
Seus primeiros anos como sacerdote foram passados na presença salesiana em Manaus Alvorada (1998-2003). De 2004 a 2008, ele viveu em Porto Velho, primeiro como pároco e depois como diretor (2007-2008). Nos anos seguintes, viveu em Belém, São Gabriel da Cachoeira e Ananindeua. De 2013 a 2018, esteve em Manicoré como Pároco e Diretor. De volta a Manaus, morou nas casas de Alvorada, Domingos Sávio e Aleixo até 2022. Este ano, 2023, está em Ananindeua, onde acompanha a "Escola Salesiana do Trabalho". Desde 2019, é membro do Conselho Inspetorial, onde ocupou vários cargos de responsabilidade: desde 2021, é Vigário Inspetorial e também Delegado Inspetorial para a Família Salesiana e para a Formação.
O P. Bauzière sucede ao P. Jefferson Luís da Silva Santos, que completou seu sexênio como Superior da Inspetoria do Brasil-Manaus.

Poderia nos fazer uma apresentação de si mesmo?

Sou Filipe Bauzière, salesiano de Dom Bosco,

missionário há trinta anos no Brasil e sacerdote há vinte e seis. Compreendi minha vocação, o chamado do Senhor, especialmente através do aspecto missionário. Uma grande influência foi o pároco do meu vilarejo na Bélgica: ele era um Oblato de Maria Imaculada que havia vivido por muitos anos no Sri Lanka e no Haiti, que compartilhou sua experiência missionária… Assim, aos dezoito anos, após discernimento, percebi que o Senhor estava me chamando para a vida religiosa e o sacerdócio.

Uma curiosidade: sou o mais velho de meus dois irmãos e, na época, eles frequentavam uma escola salesiana; eu frequentava uma escola diocesana… E fui eu mesmo que descobri os salesianos! E foi o espírito salesiano que me conquistou.

Em setembro de 1989, fiz minha primeira profissão religiosa, pedindo para ir às missões. O então Conselheiro para as Missões, P. Luciano Odorico, enviou-me para a Inspetoria do Amazonas (Manaus, Brasil), onde cheguei em 30 de junho de 1994.

Os primeiros desafios foram os de adaptação: uma nova língua, o clima equatorial, mentalidades diferentes… Mas tudo foi contrabalançado por uma bela surpresa: a acolhida que recebi de meus irmãos e do povo.

Depois de minha ordenação, fui enviado para trabalhar em obras sociais e paróquias, onde tive a oportunidade de conhecer muitos jovens e pessoas simples. Como salesiano, estou muito feliz com esse contato, por poder servir ao Senhor junto com os jovens e as famílias. Sinto-me pequeno diante da ação do Senhor em tantos jovens, e também da ação do Senhor em mim mesmo.

Quais as maiores dificuldades encontradas?

Hoje, nós, salesianos da Amazônia, sentimos os grandes desafios que os jovens enfrentam: a falta de oportunidades, de formação e de trabalho; o peso do narcotráfico, dos vícios e da violência; muitos jovens que não se sentem amados em suas casas ou famílias (sentem-se mais à vontade em nossas obras salesianas do que em suas próprias

casas…); os grandes problemas de saúde mental (depressão, ansiedade, alcoolismo, suicídio, etc.); a falta de sentido de vida entre os jovens; a falta de orientações para o uso adequado das novas tecnologias.
Também sentimos o desafio de garantir que os grupos étnicos no Brasil não percam sua identidade cultural, especialmente os jovens. Diante desse quadro, entendemos que nossa vida deve ser entregue ao Senhor, a serviço da defesa da VIDA de tantas pessoas, especialmente dos jovens. Que o Senhor nos ilumine! Que Dom Bosco interceda por nós!

Quais as necessidades locais mais urgentes?

Os tempos estão mudando rapidamente – como se pode entender – e devemos responder adequadamente a esses novos tempos. Nossas obras precisam de muitos recursos financeiros (especialmente porque nossa localização na Amazônia implica em custos muito altos, devido às grandes distâncias envolvidas), bem como de treinamento adequado e renovado para nossos recursos humanos (salesianos e leigos). As exigências são muitas: precisamos de mais salesianos! Seria um grande bem se tivéssemos vocações, também indígenas.

Que lugar Maria Auxiliadora ocupa em sua vida?

Acredito que, como na vida de Dom Bosco, Nossa Senhora é a nossa Auxiliadora; ela está presente e nos ajuda.

Entrevista com Dom Francisco LEZAMA, Inspetor do Uruguai

Fizemos ao P. Francisco LEZAMA, novo inspetor do Uruguai (URU), algumas perguntas para os leitores do Boletim Salesiano OnLine.

O P. Francisco Lezama nasceu na cidade de Montevidéu em 11 de setembro de 1979. Conheceu os salesianos na obra salesiana de Las Piedras, onde participou de grupos juvenis e atividades paroquiais.
Seus pais, Luís Carlos Lezama e Graciela Pérez, ainda vivem na cidade de Las Piedras.
Ele fez toda a sua formação inicial na cidade de Montevidéu. Concluiu o noviciado entre 1999 e 2000, fez sua profissão perpétua em 31 de janeiro de 2006 em Montevidéu e foi ordenado sacerdote em sua cidade natal em 11 de outubro de 2008.
Passou seus primeiros anos de ministério sacerdotal na presença salesiana do Instituto "João XXIII", na cidade de Montevidéu. Depois, de 2012 a 2015, estudou Sagrada Escritura no Pontifício Instituto Bíblico de Roma.
Entre 2018 e 2020, foi Diretor e Pároco do Instituto "Pio IX" em Villa Colón, além de membro da equipe inspetorial de Formação e Delegado para a Pastoral Vocacional. Em 2021, assumiu o serviço de Vigário Inspetorial e Delegado Inspetorial para a Pastoral Juvenil, cargos que ocupou até outubro de 2022, quando foi nomeado Ecônomo Inspetorial.
O P. Lezama sucede ao P. Alfonso Bauer como Inspetor de URU, que completou seu mandato de seis anos em janeiro de 2024.

Pode nos fazer sua autoapresentação?
Sou Francisco Lezama, sacerdote salesiano, 44 anos… Sou apaixonado por educar os jovens, me sinto à vontade entre eles. Venho de uma família que me ensinou o valor da justiça e da preocupação com os outros. A vida me deu amigos com quem posso compartilhar quem sou e que me ajudam a crescer continuamente. Sonho com um mundo em que todos tenham um lar e um emprego, e me esforço – na medida de minhas forças – para tornar isso realidade.

Qual é a história de sua vocação?
Desde a infância, senti-me chamado a colocar minha vida a serviço dos outros. Olhei em várias direções: envolvi-me em ativismo político e social, pensei em me dedicar

profissionalmente à educação como professor… Quando adolescente, aproximei-me da paróquia devido ao meu desejo de ajudar os outros. Lá, participando do oratório, descobri que aquele era o ambiente no qual eu poderia ser eu mesmo, no qual poderia desenvolver meu desejo mais profundo… e, nesse contexto, um salesiano sugeriu que eu discernisse o chamado à vida consagrada. Eu nunca havia pensado nisso conscientemente, mas naquele momento senti uma luz em meu coração que me dizia que era nessa direção.

Desde então, na vocação salesiana, desenvolvi minha vida e, mesmo com espinhos entre as rosas, descobri passo a passo que os apelos de Jesus marcaram meu caminho: minha profissão como religioso, meus estudos universitários em educação, minha ordenação como sacerdote, minha especialização em Sagrada Escritura e, acima de tudo, cada missão, cada jovem com quem Deus me deu o dom de encontrar, me permitem continuar a ser grato e a realizar minha vocação.

Por que salesiano?
Sou apaixonado pela educação, sinto-me chamado a realizar minha vocação nela, e também acredito que ela é uma ferramenta para mudar o mundo, para mudar vidas. Também descobri que, como salesiano, posso dar toda a minha vida, "até o último suspiro", e isso me deixa muito feliz.

Como sua família reagiu?
Eles sempre me acompanharam, assim como meus irmãos, para que cada um encontre seu próprio caminho para a felicidade. Em minha família paterna, tenho um tio e uma tia que também foram chamados à vida consagrada, mas, acima de tudo, tenho em minha família muitos exemplos de amor fiel e generoso, começando por meus pais e, ultimamente, vejo isso no amor de minha irmã e meu cunhado por seus filhos, que me deram a vocação de tio e me ajudam a descobrir novas facetas do mesmo amor, que vem de Deus.

Quem lhe contou a história de Jesus pela primeira vez?

Lembro-me de minha avó e de meu padrinho que me incentivaram muito a conhecer Jesus… Depois, na catequese paroquial, comecei a seguir o caminho que me permitiu crescer em sua amizade… Finalmente, com os salesianos, descobri esse Jesus próximo de mim, que se faz presente na minha vida cotidiana e me encoraja a crescer na sua amizade.

O senhor estudou a Sagrada Escritura no Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Os jovens de hoje se interessam pela Bíblia? Como se aproximá-los?
Descobri que os jovens estão muito interessados na Bíblia – até mesmo em um centro juvenil universitário em Montevidéu, um grupo me pediu aulas de grego para que pudessem se aprofundar no texto! A realidade é que o texto bíblico nos mostra a Palavra de Deus sempre em diálogo com as culturas, com os desafios da época, e os jovens são muito sensíveis a essas realidades.

Quais foram os maiores desafios encontrados?
Não há dúvida de que as injustiças e desigualdades vividas por nossas sociedades são desafios muito grandes, porque para nós elas não são números ou estatísticas, mas têm um nome e um rosto, nos quais se reflete o rosto sofredor de Cristo.

Quais são suas maiores satisfações?
Para mim, é uma imensa alegria ver Deus em ação: nos corações dos jovens, nas comunidades que ouvem sua voz, nas pessoas que se comprometem com o amor, mesmo diante das dificuldades.

Por outro lado, é uma grande alegria compartilhar o carisma com nossos irmãos salesianos e com tantos leigos que hoje tornam possível o desenvolvimento da obra salesiana no Uruguai. Demos passos muito significativos rumo à sinodalidade, compartilhando vida e missão, em um estilo que nos enriquece e nos permite trabalhar a partir das profundezas de nossa identidade.

Quais são as obras mais significativas em sua região?

Há muitas obras de grande importância no Uruguai. Algumas têm um forte impacto na sociedade, como o *Movimento Tacurú*, na periferia de Montevidéu, que é, sem dúvida, o projeto social mais importante de toda a sociedade uruguaia. Há outras obras de grande importância na região deles, como o Instituto Paiva, no departamento de Durazno, que permite que adolescentes de áreas rurais tenham acesso à educação secundária (que, de outra forma, não seria possível para eles) e abram novos horizontes em suas vidas. Ou a Obra Dom Bosco, na cidade de Salto, que, além de vários projetos que os acompanham desde o nascimento até os 17 anos, tem um projeto específico para adolescentes em conflito com a lei, acompanhando-os em vários aspectos de suas vidas.

O senhor tem algum projeto que lhe é particularmente caro?
O projeto mais recente que iniciamos é uma casa de acolhida para crianças que o Estado tomou sob custódia, porque seus direitos estavam sendo violados, e as confiou a nós, salesianos. Nós a chamamos com o nome significativo de "Casa Valdocco", onde as crianças são acompanhadas e, ao mesmo tempo, tentamos devolvê-las a uma realidade familiar que possa ajudá-las em seu desenvolvimento.

Que lugar Maria Auxiliadora ocupa em sua vida?
No Uruguai, temos muitas igrejas e obras dedicadas a Maria Auxiliadora. De fato, foi em nossa Inspetoria que nasceu a tradição da comemoração mensal, todo dia 24 do mês. Entretanto, há dois lugares que são significativos para mim: um é o Santuário Nacional, em Villa Colón, a casa-mãe dos salesianos no Uruguai, de onde partiram os missionários para toda a América. O outro lugar, no norte do país, é Corralito, em Salto. Ali, a devoção a Maria Auxiliadora chegou antes dos salesianos, graças aos ex-alunos que difundiram sua devoção. Acredito que isso seja um sinal da vitalidade da nossa família e também de como Ela está sempre presente, usando meios e modos que sempre nos surpreendem e nos maravilham.

O ponto de virada na vida de São Francisco de Sales (2/2)

(continuação do artigo anterior)

Início de uma nova etapa

A partir desse momento, tudo correria rapidamente. Francesco se tornou um novo homem: “Ele, a princípio perplexo, inquieto, melancólico” – assim diz A. Ravier, “agora tomava decisões sem demora, não mais arrastava seus empreendimentos, mas se lançava neles de cabeça”.

Imediatamente, em 10 de maio, ele vestiu seu hábito eclesiástico. No dia seguinte, apresentou-se ao vigário da diocese. Em 12 de maio, assumiu seu cargo na catedral de Annecy e visitou o bispo, Dom Cláudio de Granier. Em 13 de maio, ele preside a recitação do Ofício Divino na catedral pela primeira vez. Em seguida, resolveu seus assuntos temporais: abriu mão do título de senhor de Villaroget e de seus direitos como filho primogênito; renunciou à magistratura a que seu pai o havia destinado. De 18 de maio a 7 de junho, ele se retirou com seu amigo e confessor, Amé Bouvard, para o Castelo de Sales, a fim de se preparar para as ordens. Pela última vez, ele é atacado por dúvidas e tentações; sai vitorioso, convencido de que Deus havia se manifestado a ele como “muito misericordioso” durante esses exercícios espirituais. Em seguida, preparou-se para o exame canônico de admissão às ordens.

Convidado pela primeira vez pelo bispo para pregar no dia de Pentecostes, que naquele ano caiu em 6 de junho, ele preparou cuidadosamente seu primeiro sermão para uma festa na qual “não apenas os idosos, mas também os jovens deveriam pregar”; mas a chegada inesperada de outro pregador o impediu de fazê-lo. Em 9 de junho, o bispo de Granier lhe conferiu as

quatro ordens menores e, dois dias depois, o promoveu a subdiácono.

Começou então uma intensa atividade pastoral para ele. Em 24 de junho, dia da festa de São João Batista, ele pregou em público pela primeira vez com grande coragem, mas não sem antes sentir um certo tremor, que o obrigou a deitar-se em sua cama por alguns momentos antes de subir ao púlpito. A partir de então, os sermões se multiplicariam.

Uma iniciativa ousada para um subdiácono foi a fundação em Annecy de uma associação destinada a reunir não apenas clérigos, mas sobretudo leigos, homens e mulheres, sob o título de "Confraria dos Penitentes da Santa Cruz". Ele mesmo redigiu seus estatutos, que foram confirmados e aprovados pelo bispo. Constituída em 1º de setembro de 1593, ela iniciou suas atividades no dia 14 do mesmo mês. Desde o início, os membros eram numerosos e, entre os primeiros membros, Francisco teve a alegria de contar com seu pai e, algum tempo depois, com seu irmão Luís. Os estatutos previam não apenas celebrações, orações e procissões, mas também visitas aos doentes e prisioneiros. No início, houve certa insatisfação, especialmente entre os religiosos, mas logo se percebeu que o testemunho dos membros era convincente.

Francisco foi ordenado diácono em 18 de setembro e sacerdote três meses depois, em 18 de dezembro de 1593. Após três dias de preparação espiritual, celebrou sua primeira missa em 21 de dezembro e pregou no Natal. Algum tempo depois, ele teve a alegria de batizar sua irmãzinha Joana, a última filha da Senhora de Boisy. Sua instalação oficial na catedral ocorreu no final de dezembro.

Sua "arenga" em latim causou uma grande impressão no bispo e nos outros membros do capítulo, tanto mais profunda quanto o tema que ele abordou era candente: recuperar a antiga sede da diocese, que era Genebra. Todos concordaram: Genebra, a cidade de Calvino que havia banido o catolicismo, precisava ser reconquistada. Sim, mas como? Com que armas? E, antes de tudo, qual era a causa dessa situação deplorável? A resposta do decano não agradou a todos: "São os exemplos dos padres

perversos, as ações, as palavras, em essência, a iniquidade de todos, mas particularmente do clero". Seguindo o exemplo dos profetas, Francisco de Sales não analisou mais as causas políticas, sociais ou ideológicas da reforma protestante; não pregou mais a guerra contra os hereges, mas a conversão de todos. O fim do exílio só poderia ser alcançado por meio da penitência e da oração, em uma palavra, por meio da caridade:

É pela caridade que devemos desmontar os muros de Genebra, pela caridade invadi-la, pela caridade recuperá-la. […] Não proponho a vocês nem o ferro, nem aquele pó cujo cheiro e gosto lembram a fornalha infernal […]. É com a fome e a sede sofridas por nós, e não por nossos adversários, que devemos derrotar o inimigo.

Carlos Augusto afirma que, ao final desse discurso, Francisco "desceu de seu ambão em meio aos aplausos de toda a assembleia", mas pode-se supor que alguns cônegos ficaram irritados com a arenga desse jovem decano.

Ele poderia ter se contentado em "impor a disciplina dos cânones e a exata observância dos estatutos" e, em vez disso, lançou-se em um trabalho pastoral cada vez mais intenso: confissões, pregações em Annecy e nos vilarejos, visitas aos doentes e prisioneiros. Quando necessário, ele empregava seu conhecimento jurídico em benefício de outros, resolvia disputas e discutia com os huguenotes. De janeiro de 1594 até o início de sua missão no Chablais, em setembro, seu trabalho como pregador deve ter tido um começo promissor. Como mostram as inúmeras citações, suas fontes eram a Bíblia, os Padres e os teólogos, e também não tinha medo de citar autores pagãos como Aristóteles, Plínio e Virgílio, e seu famoso *Jovis omnia plena [Tudo está repleto de Júpiter]*. Seu pai não estava acostumado a esse zelo avassalador e a essas pregações frequentes. "Um dia", disse Francisco a seu amigo João Pedro Camus, "ele me chamou de lado e disse:

Decano, o senhor prega com muita frequência. Eu até ouço o sino tocar nos dias de semana para o sermão e eles me dizem: É

o decano! O decano! Na minha época não era assim, os sermões eram muito mais raros; mas que sermões! Deus sabe, eles eram eruditos, bem pesquisados; eram cheios de histórias maravilhosas, um único sermão continha mais citações em latim e grego do que dez dos seus: todos eram arrebatados e edificados, as pessoas corriam para ouvi-los; o senhor teria ouvido que eles foram buscar maná. Agora o senhor torna essa prática tão comum que não prestamos mais atenção a ela e não o temos mais em tanta estima."

Francisco não era dessa opinião: para ele, "culpar um trabalhador ou um vinhateiro porque ele cultiva sua terra muito bem era elogiá-lo".

O início de sua amizade com Antônio Favre

Os humanistas tinham um gosto pela amizade, um espaço favorável para a troca epistolar em que se podia expressar afeto com expressões apropriadas extraídas da antiguidade clássica. Francisco de Sales certamente havia lido o *De amicitia [Sobre a amizade]* de Cícero. A expressão com a qual Horácio chamou Virgílio de "a metade da minha alma" (*Et serves animae dimidium meae [e guardes a metade da minha alma]*) voltou à sua memória.

Talvez ele também tenha se lembrado da amizade que unia Montaigne e Estêvão de La Boétie: "Éramos, em todos os aspectos, as metades um do outro", escreveu o autor dos Ensaios, "sendo uma alma em dois corpos, de acordo com a feliz definição de Aristóteles"; "se me pedirem para explicar por que eu o amava, percebo que isso não pode ser expresso a não ser respondendo: porque ele era ele e porque eu era eu". Um verdadeiro amigo é um tesouro, diz o provérbio, e Francisco de Sales pôde experimentar que isso era verdade no momento em que sua vida deu uma guinada definitiva, graças à sua amizade com Antônio Favre.

Possuímos a primeira carta que Favre lhe endereçou em 30 de julho de 1593, de Chambéry. Com alusões ao "divino Platão" e em latim elegante e refinado, ele expressou seu

desejo: que, escreveu ele, “não apenas o amasse e honrasse, mas também contraísse um vínculo para sempre”. Favre tinha então trinta e cinco anos, havia sido senador por cinco anos, e Francisco era dez anos mais jovem. Eles já se conheciam por ouvir dizer, e Francisco até tentou entrar em contato com ele. Ao receber a carta, o jovem decano de Sales se alegrou:

Recebi, ilustríssimo homem e íntegro senador, sua carta, o mais precioso penhor de sua benevolência para comigo, que, também porque não era esperada, encheu-me de tanta alegria e admiração que não consigo expressar meus sentimentos.

Além da retórica óbvia, auxiliada pelo uso do latim, esse foi o início de uma amizade que durou até sua morte. À “provocação” do “ilustríssimo e íntegro senador”, que se assemelhava a um desafio para um duelo, Francisco respondeu com expressões adequadas ao caso: se o amigo foi o primeiro a entrar na arena pacífica da amizade, veremos quem será o último a permanecer lá, porque eu – disse Francisco – sou “um lutador que, por natureza, é mais ardente nesse tipo de luta”. Essa primeira troca de correspondência dará origem a um desejo de se encontrar: de fato, ele escreve, “a admiração desperta o desejo de conhecer, é uma máxima que se aprende desde as primeiras páginas da filosofia”. As cartas se sucederam rapidamente.

No final de outubro de 1593, Francisco lhe respondeu para agradecer-lhe por ter conseguido outra amizade, a de Francisco Girard. Ele havia lido e relido as cartas de Favre “mais de dez vezes”. No dia 30 de novembro seguinte, Favre insistiu para que ele aceitasse a dignidade de senador, mas, nesse campo, não será seguido. No início de dezembro, Francisco anunciou a ele que sua “querida mãe” havia dado à luz sua décima terceira criança. No final de dezembro, ele o informa sobre sua próxima ordenação ao sacerdócio, uma “honra distinta e um bem excelente”, que o tornará um homem diferente, apesar dos sentimentos de medo que o dominam. Na véspera do Natal de 1593, houve uma reunião em Annecy, onde

Favre provavelmente participou da tomada de posse do jovem decano alguns dias depois. No início de 1594, uma febre obrigou Francisco a ir para a cama, e seu amigo o confortou a tal ponto que disse que a febre de vocês havia se tornado a "nossa" febre. Em março de 1594, ele começou a chamá-lo de "irmão", enquanto a noiva de Favre seria "minha irmã mais doce" para Francisco.

Essa amizade acabou sendo frutífera e proveitosa, pois em 29 de maio de 1594, Favre, por sua vez, fundou a Confraria da Santa Cruz em Chambéry; e na terça-feira de Pentecostes, os dois amigos organizaram uma grande peregrinação comum a Aix. Em junho, Favre, com sua esposa, chamada por Francisco de "minha irmã mais doce, sua noiva mais ilustre e amada", e seus "nobres filhos", foi ansiosamente aguardado em Annecy. Antônio Favre teve então cinco filhos e uma filha. Em agosto, ele escreveu uma carta aos filhos de Favre para agradecer-lhes pela escrita, incentivá-los a seguir os exemplos do pai e pedir-lhes que transmitissem seus sentimentos de "piedade filial" à mãe deles. Em 2 de setembro de 1594, em uma nota escrita às pressas, Favre anunciou sua próxima visita "o mais rápido possível" e terminou com repetidas saudações não só ao seu "amado irmão", mas também "aos de Sales e a todos os salesianos".

Houve quem não se abstivesse de criticar essas cartas um tanto grandiloquentes, cheias de elogios exagerados e períodos em latim muito elogiados. Assim como seu correspondente, o decano de Sales, intercalando seu latim com referências à Bíblia e aos Padres da Igreja, estava especialmente ocupado citando autores da antiguidade clássica. O modelo ciceroniano e a arte epistolar nunca lhe escaparam e, além disso, seu amigo Favre qualifica as cartas de Francisco não apenas como "ciceronianas", mas como "atenienses". Não é de surpreender que uma de suas próprias cartas a Antônio Favre contenha a famosa citação de Terêncio: "Nada do que é humano nos é estranho", um adágio que se tornou uma profissão de fé entre os humanistas.

Em conclusão, Francisco considerava essa amizade

como um presente do céu, descrevendo-a como uma “amizade fraterna que a bondade divina, a forjadora da natureza, teceu de forma tão vívida e perfeita entre ele e eu, embora fôssemos diferentes em nascimento e vocação, e desiguais em dons e graças que eu possuía somente nele”. Durante os anos difíceis que estavam por vir, Antônio Favre sempre foi seu confidente e seu melhor apoio.

Uma missão perigosa

Em 1594, o duque de Saboia, Carlos Emanuel I (1580-1630), acabara de recapturar o Chablais, uma região próxima a Genebra, ao sul do Lago de Genebra, que há muito tempo era disputada entre vizinhos. A história político-religiosa do Chablais era complicada, como mostra uma carta escrita em italiano rudimentar em fevereiro de 1596 e endereçada ao núncio em Turim:

Uma parte dessa diocese de Genebra foi ocupada pelos bernenses há sessenta anos, [e] permaneceu herética; tendo sido reduzida ao poder total de Sua Sereníssima Alteza nos últimos anos, pela guerra, [e reunida com] seu antigo patrimônio, muitos dos [habitantes,] movidos mais pelo estrondo dos arcabuzes do que pelos sermões que estavam sendo pregados ali por ordem do Senhor Bispo, foram reconduzidos à fé no seio da santa mãe Igreja. Mas, depois que essas terras foram infestadas pelas incursões dos genebrinos e dos franceses, eles voltaram à lama.

O duque, com a intenção de trazer essa população de cerca de vinte e cinco mil almas de volta ao catolicismo, recorreu ao bispo para fazer o que precisava ser feito. Já em 1589, ele havia enviado cinquenta párocos para retomar a posse das paróquias, mas eles logo foram expulsos pelos calvinistas. Dessa vez, era necessário proceder de forma diferente, ou seja, enviar dois ou três missionários altamente instruídos, capazes de enfrentar a tempestade que não deixaria de atingir os “papistas”. Em uma assembleia do clero, o bispo delineou o plano e pediu voluntários. Ninguém deu uma palavra. Quando ele

voltou os olhos para o decano de Sales, este lhe disse: “Senhor Bispo, se acha que sou capaz e se me mandar, estou pronto para obedecer e irei de boa vontade”.

Ele sabia bem o que o aguardava e que seria recebido com “insultos nos lábios ou pedras nas mãos”. Para Francisco, a oposição de seu pai a essa missão (perigosa à sua vida e ainda mais à honra de sua família) não parecia mais ser um obstáculo, porque ele reconhecia uma vontade maior na ordem do bispo. Às objeções de seu pai sobre os perigos reais da missão, ele respondeu com orgulho:

Meu Pai, Deus proverá: é ele quem ajuda os fortes; você só precisa de coragem. […] E se fôssemos enviados para a Índia ou para a Inglaterra? Você não deveria ir para lá? […] É verdade que é um trabalho árduo, e ninguém ousaria negar isso; mas por que vestimos essas roupas se nos esquivamos de carregar o fardo?

Ele se preparou para a missão no Castelo de Sales no início de setembro de 1594, em um clima pesado: “Seu pai não queria vê-lo, porque se opunha totalmente ao compromisso apostólico do filho e o havia impedido com todos os esforços imagináveis, sem ter conseguido minar sua generosa decisão. Na última noite, despediu-se em segredo de sua virtuosa mãe”.

Em 14 de setembro de 1594, ele chegou ao Chablais em companhia de seu primo Luís de Sales. Quatro dias depois, seu pai enviou um criado para dizer-lhe que voltasse, “mas o santo jovem [em resposta] mandou de volta seu criado Jorge Rolland e seu próprio cavalo, e persuadiu seu primo a voltar também para tranquilizar a família. O primo lhe obedeceu, embora mais tarde tenha voltado para vê-lo. E nosso santo contou […] que, em toda a sua vida, nunca havia sentido tanta consolação interior, nem tanta coragem no serviço de Deus e das almas, como naquele dia 18 de setembro de 1594, quando se viu sem companheiro, sem camareiro, sem sua equipe, e obrigado a vagar de um lado para o outro, sozinho, pobre e a pé, empenhado em pregar o Reino de Deus”.

Para dissuadi-lo de uma missão tão arriscada, seu pai cortou sua alimentação. De acordo com Pedro Magnin, "o pai de Francisco, como eu soube pelos lábios do santo homem, não quis ajudá-lo com os recursos que teriam sido necessários, desejando desviá-lo de tal empreendimento iniciado por seu filho contra seu conselho, bem ciente do perigo óbvio ao qual ele estava expondo sua vida. E uma vez ele o deixou sair de Sales para voltar a Thonon com apenas um escudo, de modo que [Francisco] foi forçado […] a fazer a viagem a pé, muitas vezes mal vestido e mal equipado, exposto a um frio intenso, vento, chuva e neve insuportáveis neste país".

Depois de um ataque que sofreu com Jorge Rolland, o Senhor de Boisy tentou novamente dissuadi-lo do empreendimento, mas sem sucesso. Francisco tentou mexer com as cordas de seu orgulho paterno, escrevendo-lhe estas linhas de forma louvável:

Se Rolland fosse seu filho, enquanto é apenas seu camareiro, ele não teria tido tão pouca coragem a ponto de desistir de uma luta tão modesta como a que lhe aconteceu, e não falaria dela como uma grande batalha. Ninguém pode duvidar da má vontade de nossos adversários, mas os senhores nos ofendem quando duvidam de nossa coragem. […] Peço-lhe, portanto, meu Pai, que não atribua minha persistência à desobediência e que sempre me considere como seu filho mais respeitoso.

Uma observação esclarecedora transmitida a nós por Alberto de Genebra nos ajuda a entender melhor o que acabou convencendo o pai a parar de se opor ao filho. O avô dessa testemunha no processo de beatificação, amigo do Senhor de Boisy, disse um dia ao pai de Francisco que ele devia se sentir "muito afortunado por ter um filho tão querido por Deus, e que o considerava sábio e temente a Deus demais para se opor à santa vontade [de seu filho], que visava à realização de um plano no qual o santo nome de Deus seria grandemente glorificado, a Igreja exaltada e a casa de Sales receberia maior glória do que todos os outros títulos, por

mais ilustres que fossem”.

O tempo das responsabilidades

Decano da catedral em 1593, com apenas 25 anos de idade, e chefe da missão no Chablais no ano seguinte, Francisco de Sales pôde contar com uma educação excepcionalmente rica e harmoniosa: uma educação familiar bem cuidada, uma formação moral e religiosa de alta qualidade e estudos literários, filosóficos, teológicos, científicos e jurídicos de alto nível. É verdade que ele havia se beneficiado de possibilidades proibidas para a maioria de seus contemporâneos, mas nele eram fora do comum o esforço pessoal, a resposta generosa aos apelos que recebia e a tenacidade que demonstrava na busca de sua vocação, sem mencionar a espiritualidade marcante que inspirava seu comportamento.

A essa altura, ele estava se tornando um homem público, com responsabilidades cada vez mais amplas, o que lhe permitia fazer bom uso de seus dons de natureza e graça para os outros. Preconizado para se tornar bispo coadjutor de Genebra já em 1596, nomeado bispo em 1599, ele se tornou bispo de Genebra após a morte de seu antecessor em 1602. Um homem da Igreja acima de tudo, mas muito imerso na vida da sociedade, nós o veremos preocupado não apenas com a administração da diocese, mas também com a formação das pessoas confiadas ao seu ministério pastoral.